

REVISTA DA SEMANA



UMA GRANDE OBRA

O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunção figurada de todas. Poupa a consulta de muitos dictionários especiaes, pois comprehende
nada menos de

30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são :

Francez-allemão
Allemão-francez
Francez-inglez
Inglez-francez
Francez-italiano
Italiano-francez
Francez-hespanhol
Hespanhol-francez
Francez-portuguez
Portuguez-francez

Allemão-inglez
Inglez-allemão
Allemão-italiano
Italiano-allemão
Allemão-hespanhol
Hespanhol-allemão
Allemão-portuguez
Portuguez-allemão
Inglez-italiano
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol
Hespanhol-inglez
Inglez-portuguez
Portuguez-inglez
Italiano-hespanhol
Hespanhol-italiano
Italiano-portuguez
Portuguez-italiano
Hespanhol-portuguez
Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado. mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como *obra nimamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—*Alex Bruns*».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira. pelo modico preço de 10\$000

Pedidos á Secção Editora

do

JORNAL DO BRASIL

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

RIO DE JANEIRO

OS FUNDADORES DA INDUSTRIA DOS PNEUMATICOS

PNEUMATICOS DUNLOP

Os melhores do mundo
FABRICADOS NA INGLATERRA

Todos os tamanhos em stock liso, grooved (com gomas) e antiderapant. Fabricantes tambem de rodas de borracha massiças, pneumaticos para motociclettas e bicyclettas

The Dunlop Pneumatic Tyre Co. (South America) Ltd.

31, General Camara, 31 — RIO DE JANEIRO

Foi com estes pneumaticos que se realisou a viagem de automovel do Rio a S. Paulo
(Veja-se "Revista da Semana", n. 4).



PARA OS
CABELLOS BRANCOS
VICTORY Não é tintura
Não contem nitrato de prata

Devolve aos cabellos sua primitiva côr, com toda a naturalidade.
NÃO MANCHA — Unica no mundo que se usa com as proprias mãos, como outra qualquer loção de tocador.

Formula da **AMERICANS PRODUCTS CHIMISTES Co., N. Y. U. S.**

— Vende-se nas principaes perfumarias, pharmacias e barbearias

Depositarios no Rio de Janeiro: **COELHO BASTOS & C.^a**
Ourives 40, 42 e 44

Cuidado com as imitações. A **VICTORY** nada tem de semelhante com outros preparados que se annunciam para o mesmo fim.

SAQUES

Sobre PORTUGAL, HESPAHNA,
ITALIA, TURQUIA,
FRANÇA, ALLEMANHA, Etc.

Pagaveis á vista e entregues immediatamente **CARTAS DE CREDITO E MESADAS.** — Cobranças e pagamentos telegraficos, no pais e exterior. — **COMPRA E VENDA** de notas e moedas estrangeiras.

ZENHA, RAMOS & C.

(ESTABELECIDOS EM 1873)

73, Rua Primeiro de Março, 73

Telefone N. 309 — RIO DE JANEIRO

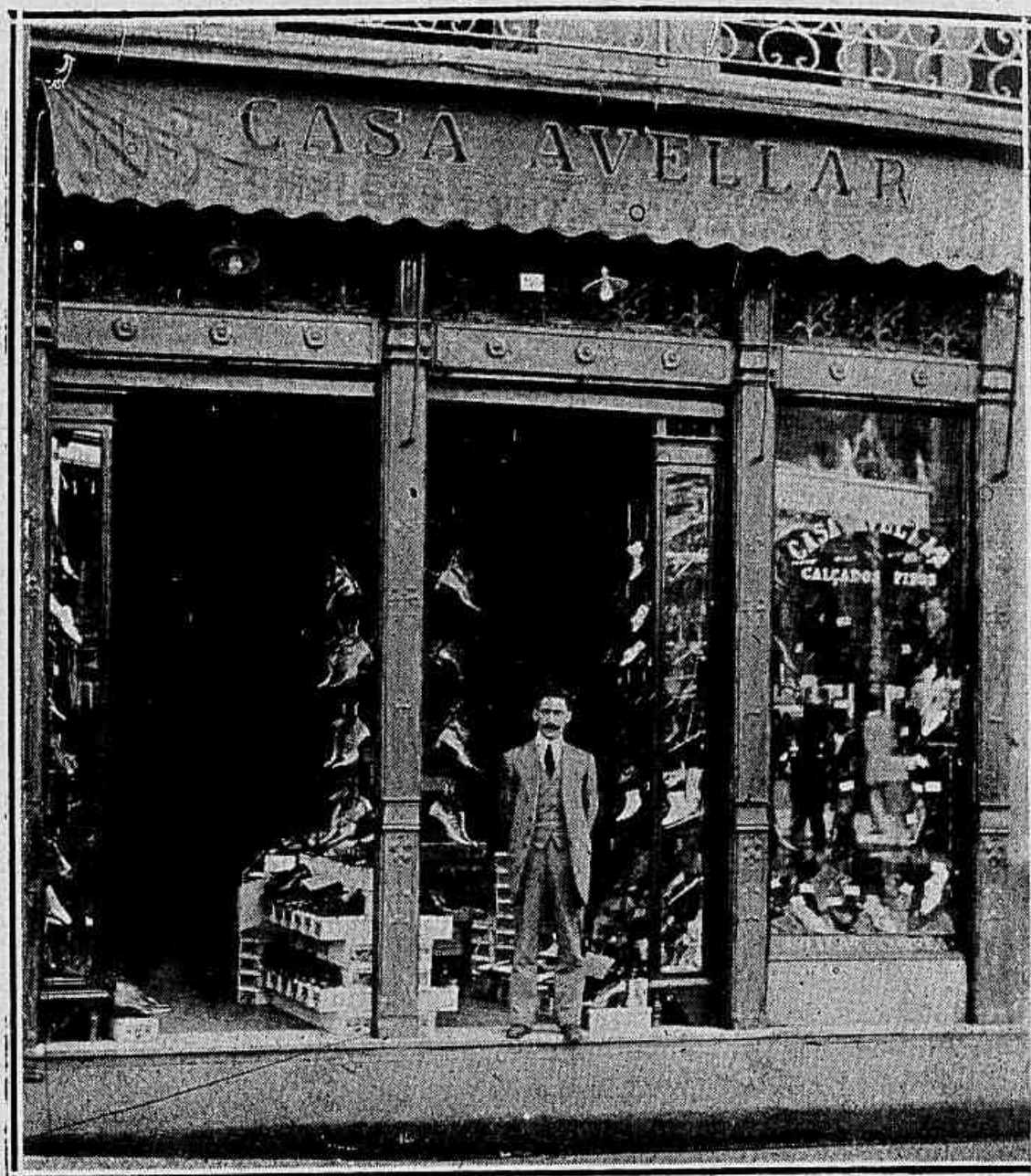
O MAL DEVE

desapparecer. A quantas pessoas agrada o sabor e o odor do oleo de figado de bacalhao? "Seguramente a nenhuma" responderão todos. É uma das coisas mais repulsivas no mundo. Alguns o tomam, não ha duvida, mas simplesmente porque lhes dizem que o tome. A idea de que um medicamento de tanto valer não pode ser empregado quando é necessario sem repugnar e ser detestavel ao paciente! É quasi tão esquisita como quando os medicos o administraram a Carlos II em doses demasiado nauseantes. E, segundo o publico declara, as emulsões não são menos detestaveis que o oleo natural. Mas o reinado do terror já passou. A sciencia veio por fim em soccorro. Agora pode usar-se abertamente um medicamento eficaz sem que o seu odor e sabor causem repugnancia. Porque, no **PREPARADO DE WAMPOLE** se tem o resultado de um triumpho pharmaceutico provado e bem merecido. É saboroso como mel e contem uma solução de um extractivo obtido de Figados Puros de Bacalhao, combinado com o Xarope Composto de Hypophosphitos e Extractos de Malt e Cereja Silvestre. Estimula as secreções do succo gastrico e é o remedio mais eficaz para a Anemia, Doenças Esgotantes, Prostração após Febres, Dronchites e Consumpção. O Dr. Gabriel Malda, Ex-Professor de anatomia topographica na Escola Nacional de Medicina, Cirurgião do Hospital Juarez e Membro da Academia Nacional de Medicina de Mexico, diz: "Uma das melhores fórmas de administrar o oleo de figado de bacalhao, é prescrevendo o Preparado de Wampole, de sabor agradável e perfeitamente tolerado pelas vias digestivas. Receita-o ha muitos annos, com o melhor exito, entre os meus enfermos." Satisfaz os mais difficeis de contentar porque cumpre o que d'elle se espera. É eficaz desde a primeira dose e justifica a confiança que aconselhamos n'elle se tenha. Uma garrafa convence. O seu merito torna-o popular. "Não tem substituto." A venda em todas as Pharmacias e Drogarias, em todos os paizes do mundo.

A' venda nas drogar-
ias dos Srs. Granado
& C., Rodolpho Hess e
José Cesar de Mattos
& C.. Rio de Janeiro.

CASA AVELLAR

SAPATARIA DA MODA



Em parte alguma se poderá calçar melhor
e mais barato Se o desejarem verificar diri-
jam-se á RUA S. JOSE' N. 106 á

CASA AVELLAR

Um marido diz a sua mulher:

— Não sei o que tem o meu relógio que não trabalha bem. Vou levá-lo ao relojoeiro, para o limpar. Deve estar sujo.

Nisto Suzanna, uma deliciosa pequenina de tres annos, exclama com a maior ingenuidade:

— Enganas-te, papae. Ainda não ha muitas horas que o abri e o puz debaixo da torneira para o lavar...

No interior d'um wagon em viagem na estrada de ferro, um cavalheiro consegue a muito custo collocar na rêde uma maleta muito pesada que trazia comsigo.

Uma senhora que ia sentada, mesmo por debaixo da rêde, ao vêr aquillo, exclamou assustada:

— O senhor nem ao menos vê que isso póde cahir?

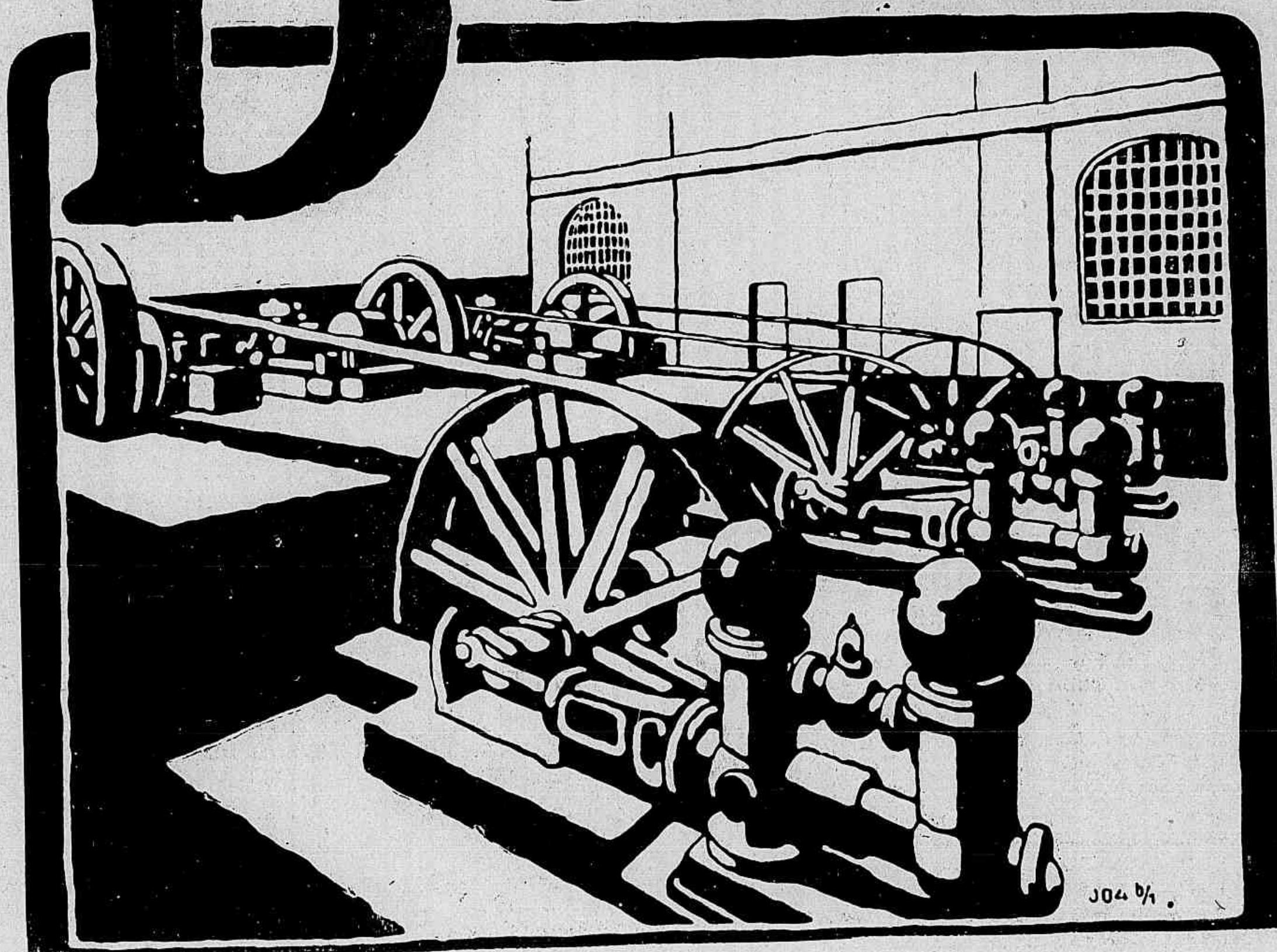
— Não se incommode, minha senhora. A mala não leva nada que possa portir-se...

Paulino acaba de perder a sogra.

— E ella conheceu as pessoas até morrer?

— Com a maior lucidez. Faze ideia que dois minutos antes de morrer ainda me atirou á cabeça com todos os frascos de remedio que estavam sobre a mesa da cabeceira!...

Deutz



Legítimo motor "OTTO" funcionando a gasolina, kerozene ou álcool

Peçam prospectos á

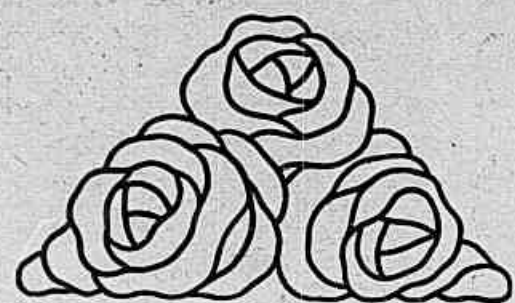
GASMOTOREN FABRIK DEUTZ

Succursal brasileira—CAIXA POSTAL 1.304

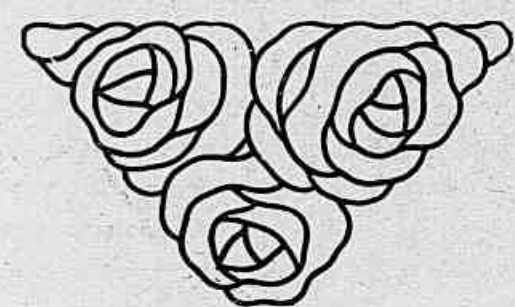
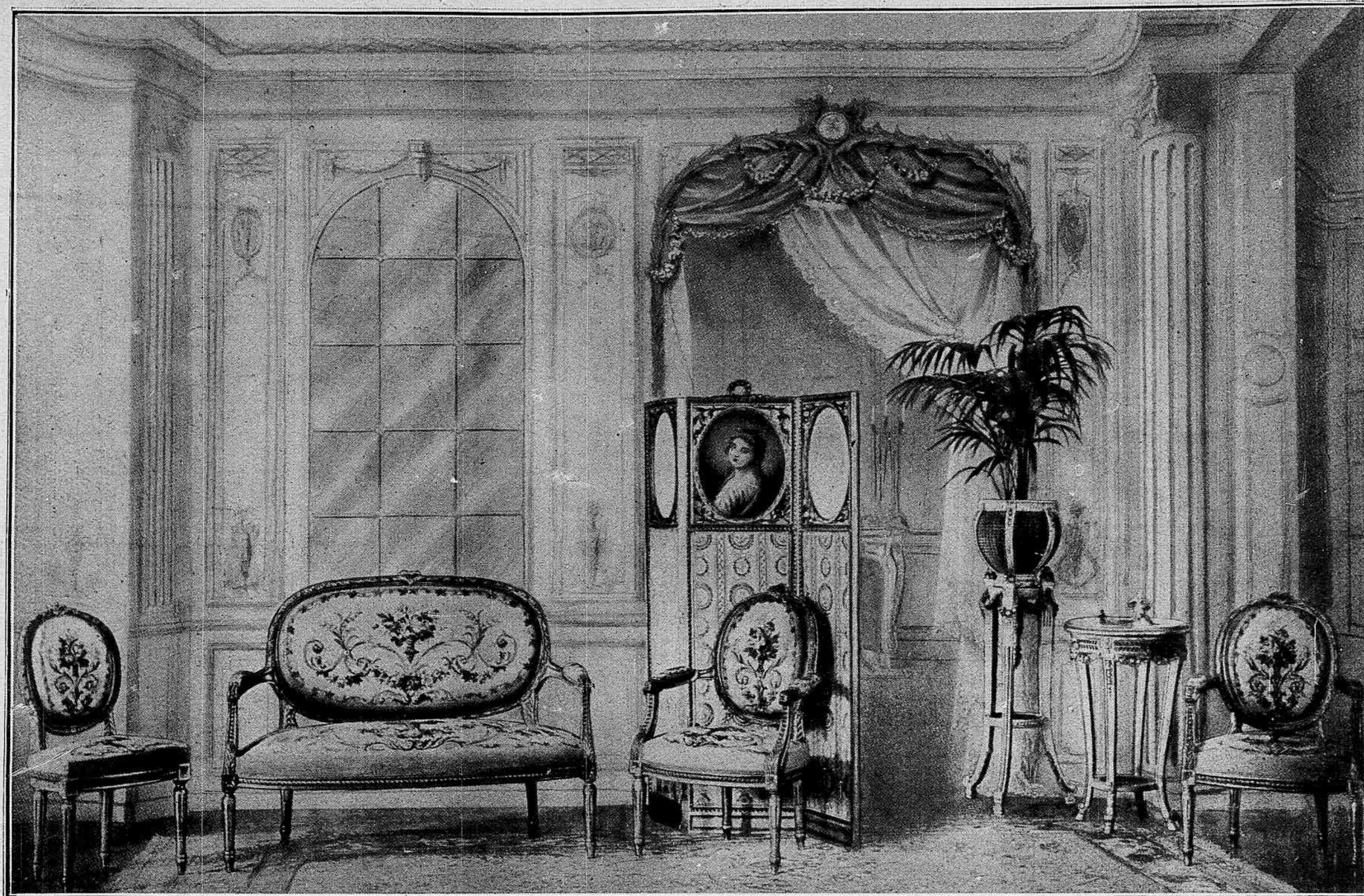
RUA I° DE MARÇO, 104-106

RIO DE JANEIRO

Filias : S. PAULO, BELLO HORIZONTE e PERNAMBUCO



Se V. Exa. possue um requintado gosto artistico e deseja que sua residencia apresente um aspecto fóra do vulgar, com o maximo conforto e elegancia, encomende em nossa casa os MO-VEIS E TAPEÇARIAS que necessitar, por preços mais vantajosos do que em outro qualquer fabricante.



LEANDRO MARTINS & C.

OURIVES, 39, 41, 43

REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

Anno XV — N.º 7 — Rio de Janeiro, 28 de Março de 1914

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL

Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro: 50 francos

AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



EM PETROPOLIS

A estação elegante da linda cidade serrana está actualmente no seu auge. Incessantemente, a esplendida e pittoresca Petropolis se desenvolve e embelleza. Tudo o que constitue a *élite* da nossa capital lá se encontra a estas horas, e lá se demora até que abrande este calor que nos flagella. As nossas gravuras surprehendem dois aspectos matinaes de Petropolis, vendo-se na segunda o illustre Dr. Regis de Oliveira, que acaba de ser nomeado embaixador em Lisboa.



a Minhota



A minhota com o seu oiro, cordões, collares, cruzes e arrecadas

Meã, branca, de seios redondos, muito lavada, a minhota é uma formiguinha de trabalho. Para que não haja uma herva dam-ninha no seu horto é capaz de espiolhar, fo-lha por folha, as hortaliças e para que haja sempre na sua arca o bragal, na sua cosinha o caldo verde, na sua copa o presunto verme-lho de Melgaço, deita-se com a seroadada feita, quando as gallos accordam a primeira vez e logo que elles despertam, já anda na lida.

Tem dois grandes amores: um é o bocadinho de chão, a terra. Adora-a como uma arvore que lhe deve a existencia, cujas raizes ella engorda, cuja seiva ella alimenta. Ser mendigo, no Minho, é não ter o seu bocadinho de chão, e, por isso, todas trabalham para o conquistar. Tambem a terra é linda, verde, paga com gentileza prodi-ga, as sementes que lhe deitam, mesmo nos re-gos das divisorias para não se perder nem um torrão. O outro amor da minhota é o seu oiro. Traz a riqueza ao pescoço nos afogadores, nos collares, nas grandes contas d'ouro, das quaes pendem as cruzes e as medalhas cahidas sobre os peitos fartos; nas orelhas, as arrecadas ou os brincos de pingentes, que ficam de avós para netos, avaramente disputados nas partilhas.



O caracteristico traje minhoto



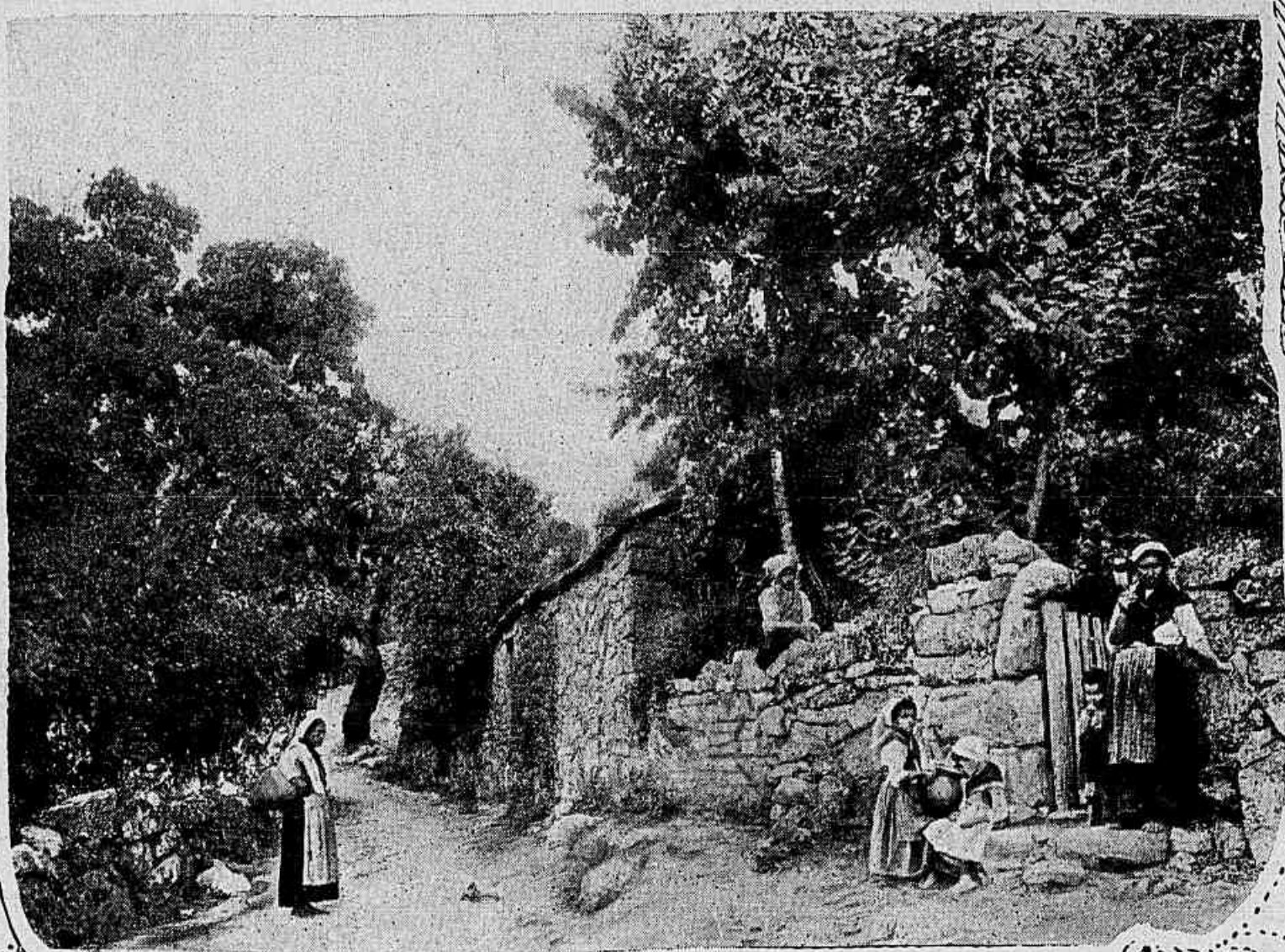
Casam e ella dirige o lar, a lavoura, os ganhoes, guarda as economias, decreta as compras, deixa-o fallar a elle, mas é quem o move e o seu dominio estende-se assim sobre a familia, desde a educação do filho á gerencia do casal. A minhota é todavia uma soberana boa; toma tambem para si a maior parte dos encargos. Se ha uma difficuldade ella a resolve. Adoece o trabalhador e vae de sachola ao homem fazer a sua lida; é o moço que falta pois, levará o bois á sogá ou mesmo conduzirá o arado, cavando firmemente o sulco, sobre o qual as levandiscas de vôo baixo vão cubiçando o grão. Se é outra faina mais pesada ella não hesita. Bravamente se põe a caminho, comtanto que isso seja para augmentar os seus bens e trazer mais pão para a sua arca, mais milho para a sua tulha. Feito isto, quando outra se sentiria satisfeita a por ter cum-

Espadelando o linho



O marido é o seu associado ou antes é mais um ganhão para o seu rancho — o primeiro, o mais querido — especie de principe... con-sorte — porque a mulher no Minho é a rainha.

Desde o namoro que isso se nota, seja no caminho das romarias, seja na beira das estradas, sob a alpendrada ou nas noites de luar, no rancho emquanto ella vae sempre fiando na sua roca. O homem parece obediente; a mulher tem como uma tolerancia terna.



O casalejo minhoto

prido o seu dever, ella em volta do lume da lareira, se o vento sopra rijo ou no eirado, se o luar é macio e brilhante, ou naõ seu linho ou descasca a sua massa-roca, fazendo da diversão um trabalho.

Tambem o Minho não passa fome e não é miseravel. A emigração d'aquella provincia faz-se já em condições diversas do que succede nas outras. E' quasi uma tradição para a casa que tem mais de um filho. O Brasil tenta-os porque o Minho tem, de legua a legua, «monumentos» a espicaçar desejos: — São as casas dos «brasileiros».

Antigos conventos, onde os frades tinham as suas officinas e os seus labores, foram depois das guerras transformados em palacios, solares de fidalgos se derruíram, conservando-se-lhes, todavia, as pedras d'armas, para sobre os seus escombros se edificarem as casas dos que fizeram fortuna nas terras de Santa Cruz e em cujos altos elles mandaram sempre collocar as bolas de vidro e os

A fortuna minhota está no oiro das mulheres e no bocado de chão

cataventos. E' o ouro do Brasil que dá ainda aquelle lustre á terra laboriosa do Minho, que mostra a sua riqueza no chão cultivado e nas fortunas paralyzadas no pescoço das suas mulheres.

Não ha em Portugal, nem mesmo na classe favorecida das varinas, quem tanto ouro amealhe e o tenha assim improductivo.

Imagine-se o que daria de rendimento a colossal riqueza



que os governos sempre ludibriam.

Tem o instinto dessa verdade como toda a gente que trabalha de sol a sol e vê os outros de corpo ao alto e é por isso mesmo que a minhota tem a sua fortuna no pescoço e

Mulheres do Minho

za daquel-
les adorno-
nos que

rendem até tanto como as alfayas das santas amadas das romarias minhotas, em ha foguetes estrallejando no ar, sol a queimar os rostos, verdasco correndo pelas gargantas, com o seu piquezinho acre e cantigas ao desafio.

A minhota, porém, por cousa alguma confiaria o seu ouro aos estranhos e nem por doença de morte se desfaria de um cordão, d'umas arrecadas ou das suas cruzinhas e amuletos. Pode emprestá-los ás virgens para figura em nas procissões, mas vae-os vigiando d'olho à mira.

E' certo que todo o custo desse ouro applicado intelligentemente numa caixa economica faria um augmento consideravel á riqueza do paiz, mas a maior difficuldade para o conseguir é que se a minhota desconfia de quem possa ao acaso ludibriar Nossa Senhora, sente

os rebates, mesmo agora em que se pretendeu paralisar nos campanarios a maior parte dos sinos.

A minhota, porém, como a bretã é a depositaria d uma fé fetichista, em que Deus entra como um associado, ao qual respeitosa e se dá rezas a troco de um pouco de felicidade, e o senhor parcho é o bom empenho para Deus.

Ella exteriorisa isso em submissão, apegada a ritos e a formulas por isso no Minho, onde a esta hora as terras reverdecem, ainda se vê passar no meio dos campos a sombra preta das batinas, a alvura das estolas, um parasol aberto, e vultos negros d'aldeões, entre as bortejos ou na lavra, na rega ou na guarda do rebanho, de chapéos na mão.

E' o viatico que passa; a particula de Deus, que para o mi-

O minhoto e a sua mulher

a tem sob os pés, d'onde se lh'a levarão com a vida. E' o Minho, da provincia portugueza, mais difficil de collectar com exaggeros. Como o minhoto não é geralmente um salariado, sabe quanto as decimas lhe custam e então—ellas sobretudo—diante da papeleta do aviso, franzem as sobrancelhas lindas e se a insistencia é grande, d'ahi a pouco badalejam nos ares

nhoto é o pae da felicidade do anno a correr e a esperança para o anno que ha de vir.

No Minho, a mulher, mais do que o homem, é um producto da terra. espontaneo, natural. A' paisagem inteiriça, aspera e sobria da montanha corresponde a physionomia rude, severa e triste da serrana; como á paisagem maleavel, colorida e farta da beira-mar corresponde a physionomia viva, afavel e alegre da ribeirinha. O scenario dos valles e das encostas, afagado pelo sol, lavado pelas chuvas, movimentado pelos ventos, com aguas que se beijam, pinheirões que se abraçam, campos que dormem juntos, com um céu luminoso que tudo cria e tudo absolve, abraçando casaes e colheitas no mesmo luminoso sorriso, raramente interrompido pelas coleras da terra e pelas tormentas

Ceifeira do Minho.— Depois da tarefa no campo, o trabalho caseiro



a minhota é a mais mulher. No Minho catholico, povoado de igrejas e capellas, a mulher conserva qualquer cousa da pagã. A sua collaboração nos trabalhos agricolas deu-lhe uma liberdade de que a mulher algarvia, encerrada no lar, não dispõe senão em proporções minimas. reguladas ainda pelos ancestraes costumes mouriscos. Chegando-se á provincia do Minho sente-se desde logo o predominio da mulher. No Minho, a mulher reina e governa.

Rocha Martins.

A algibeira minhota

do ar, é uma formidavel «kermesse natural: por isso não ha terra portugueza onde se cante com mais alegria nem onde com mais espontaneidade se ame.

A terra amoravel dá o vinho espumoso, que mata a sede e alegra a alma, o trigo e o milho de que se faz o pão de Deus, o fresco linho de que se vestem homens e mulheres, e a lenha para o lume, a madeira para a casa e a palha para a enxerga...

Neste scenario alegre move-se a mulher minhota, a mais linda mulher de Portugal.

E ella sabe que o é. De toda a mulher portugueza,



O trabalho do tinho

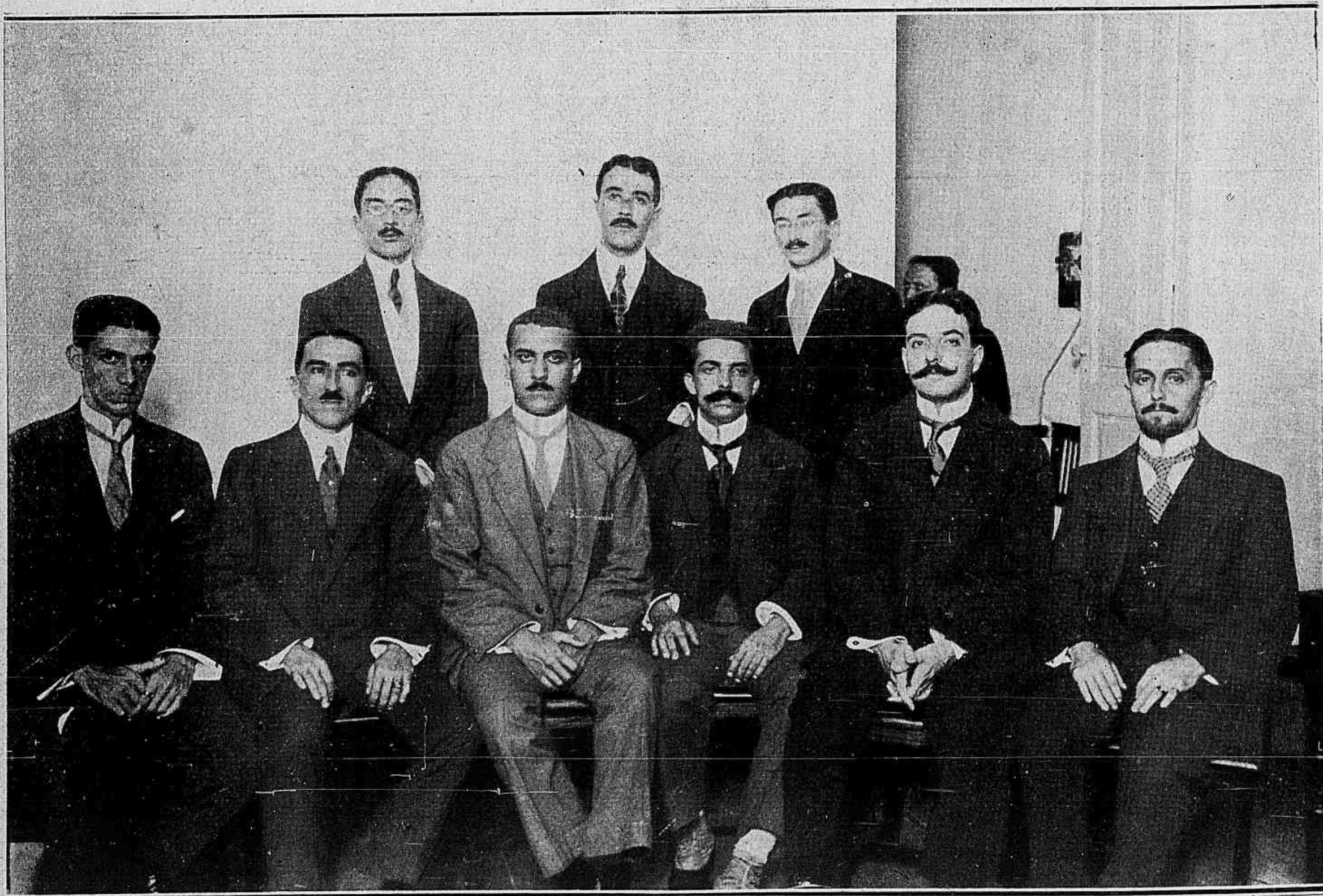


CRIANÇAS...



- E porque é que você quer que eu venha jantar aqui todos os dias?
- Sempre que você vem, mamãe abre uma lata de compôta...

Assistencia Medica do Rio de Janeiro



Grupo de distintos clinicos, photographados na séde da Assistencia, no dia de sua inauguração



INSTANTANEO A LAPIS POR VIANNA

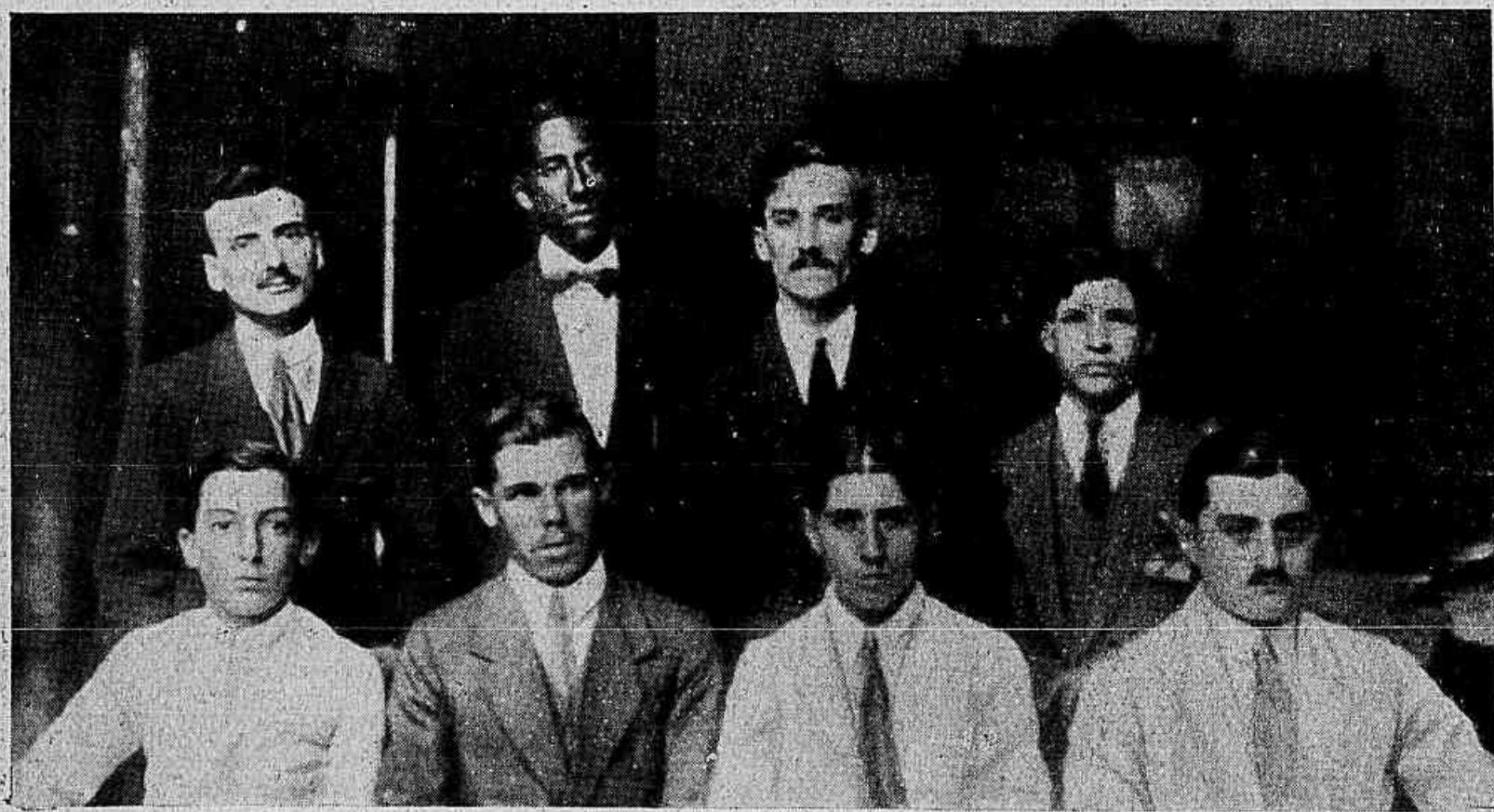
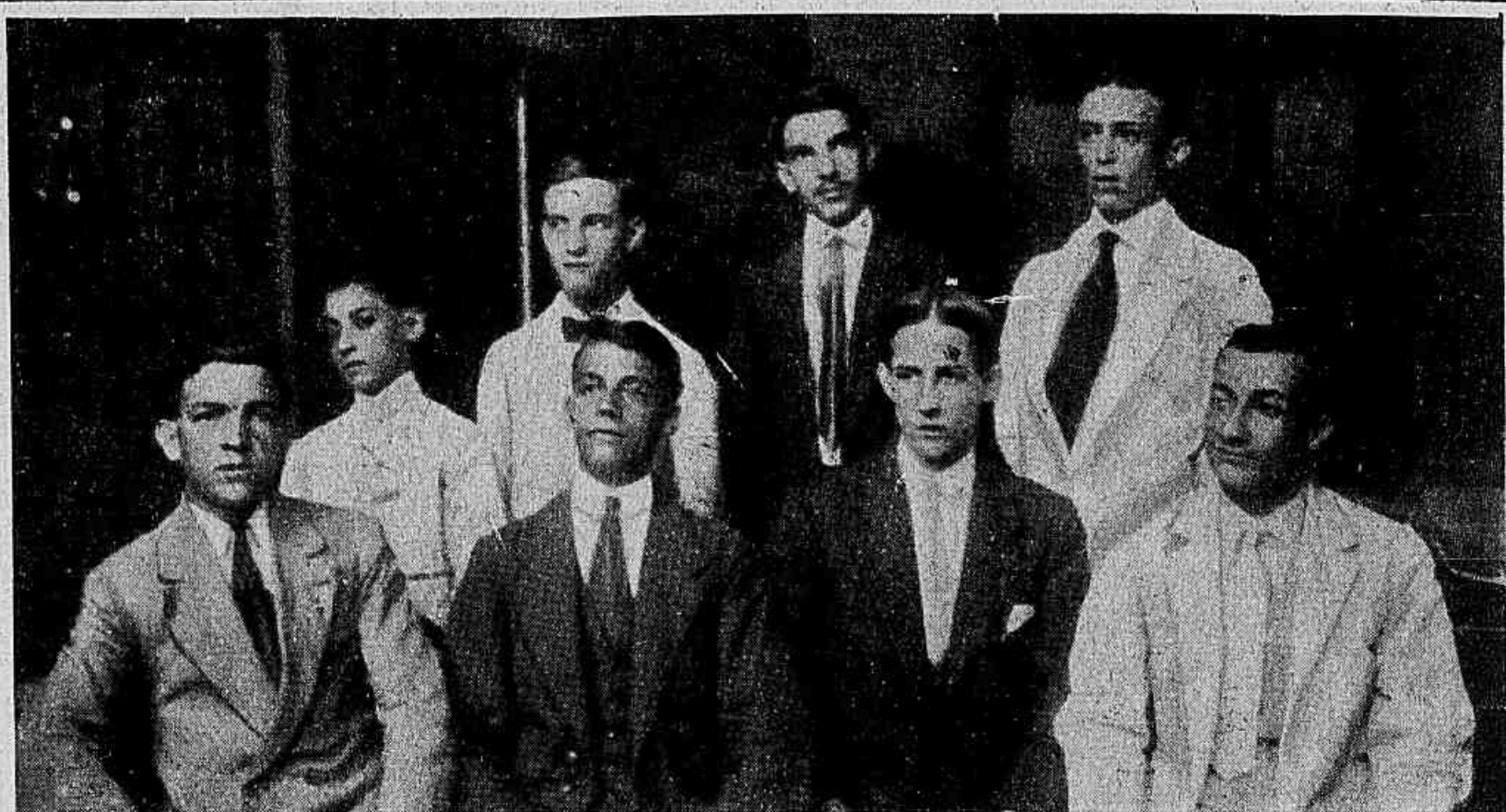
Mme. Mario Guaraná

A GRANDE PROVA SPORTIVA PROMOVIDA PELO JORNAL DO BRASIL



1—O Sr. Almeida Brito, redactor do «Jornal do Brasil», rodeado de alguns membros das Comissões que o teem auxiliado na organização da grande festa publica de sports a realisar-se brevemente.

Vêem-se além do citado, os Srs. J. E. de Miranda, da C. Cervejaria Brahma; Cesar José Fernandes Guimarães, o campeão do cyclismo no Rio; Eduardo Motta, da

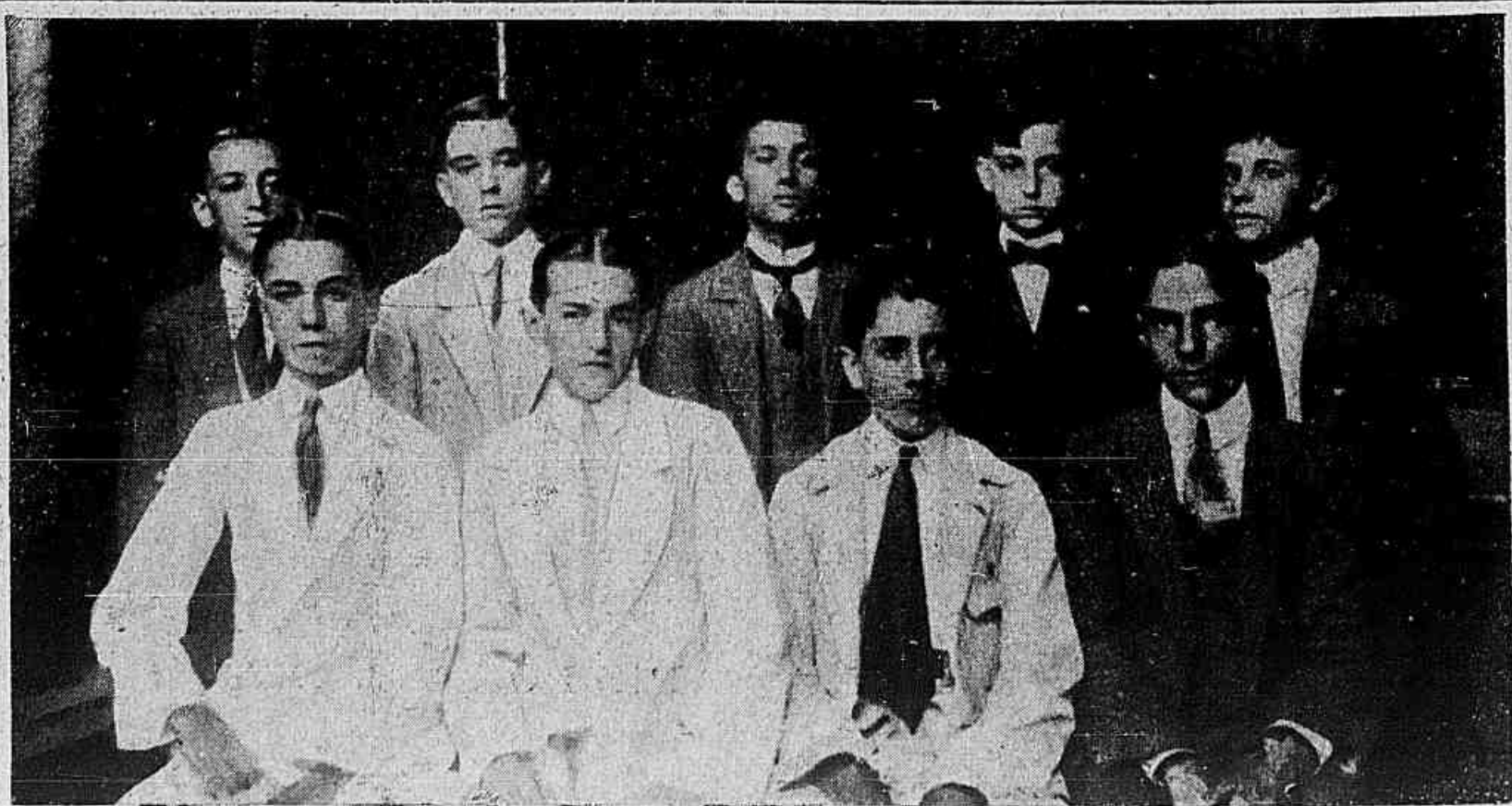


Ernesto Paiva, Cesar Jose Fernandes Guimarães e Antonio Dias, corredores cyclistas que se offereceram ao «Jornal do Brasil», para auxiliar a fiscalisação das provas pedestres, na grande festa de sport.

4 — Grupo de cyclistas e grupo de corredores pedestres que requereram as primeiras inscripções nas provas da festa annunciada.

redacção do «Correio da Noite» e do «Tempo» e Carlos Rodrigues da Cruz, Presidente do Cycle Club. 2—Photographia de alguns corredores cyclistas e pedestres que deseiam auxiliar a fiscalisação das provas na festa a realisar-se

3—O Sr. Julio Monteiro de Carvalho, Ernani Gonçalves, Arthur de Almeida, Alexandre Caruso, João Giordano,



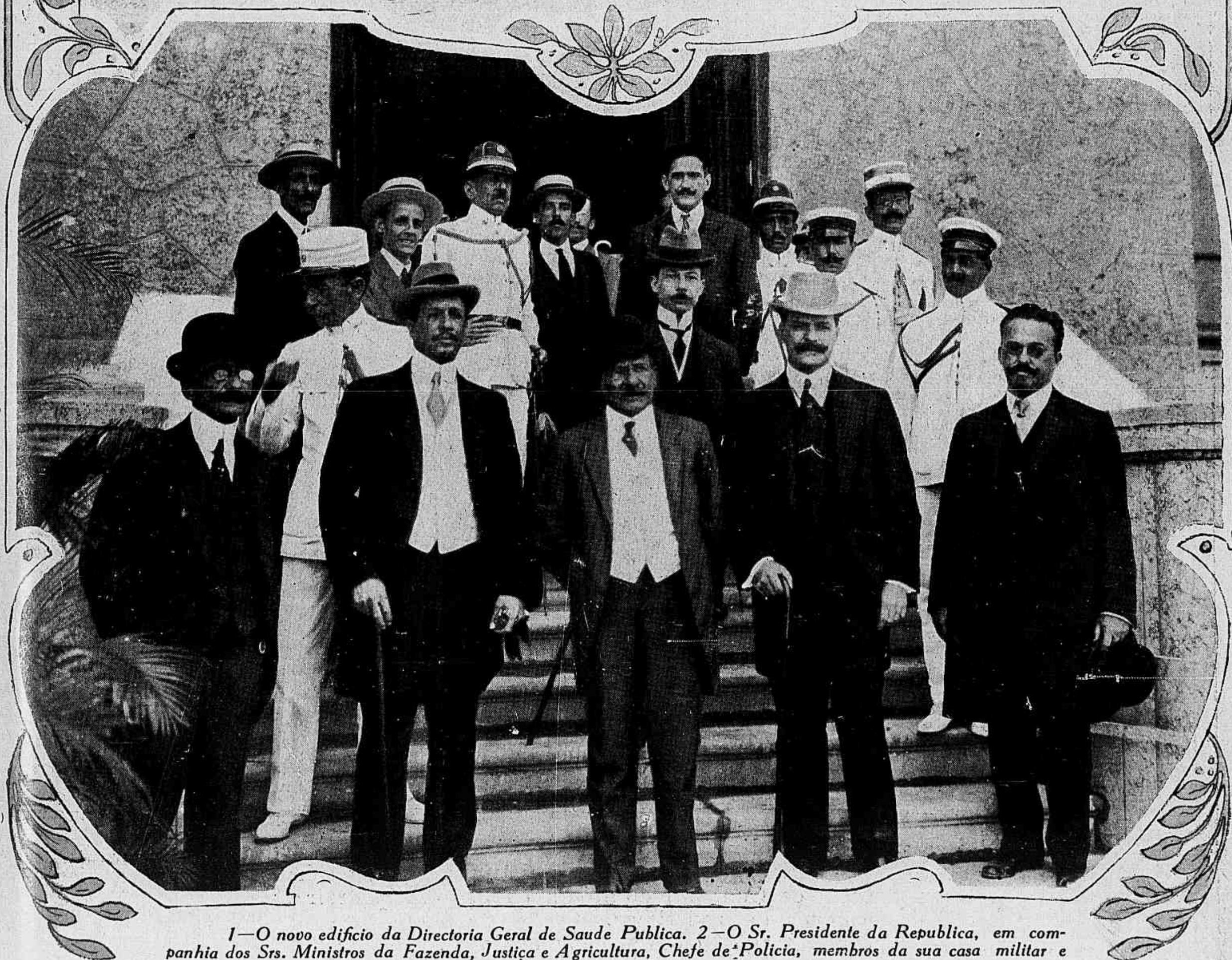
DIRECTORIA GERAL DE SAUDE PUBLICA

Tendo-se reconhecido a necessidade urgente de dar á Directoria Geral de Saude Publica uma installação propria com todos os requisitos neccessarios para o seu funcionamento acaba de ser inaugurado oficialmente com esse intuito o edificio sito á rua do Rezende proximo á de Silva Manoel. Construidas de cantaria, occupando uma vasta área de terrenos que circundavam o antigo morro do Senado, as novas installações obedeceram ao plano architectonico e á direcção technica do engenheiro Sr. Domingos Cunha.

O terreno foi cedido ao Ministerio do Interior pelo da Viação cuja pasta era então occupada pelo Sr. Dr. Lauro Müller que foi quem inaugurou no dia 18 a nova séde da Direcção Geral de Saude Publica, a convite do Sr. Director da Saude devidamente auctorizado pelo Sr. Ministro do Interior.

Ao acto, que revestiu a maior solemnidade e brilhantismo, assistiram o Sr. Presidente da Republica, Ministros, auctoridades, commissarios de hygiene e medicos.

O edificio que tem um aspecto elegante, compõe-se de dois pavimentos ficando a funcionar no pavimento terreo a Inspectoria de Hygiene Sanitaria, o archivo, a bibliotheca, e o laboratorio bacteriologico.



1—O novo edificio da Directoria Geral de Saude Publica. 2—O Sr. Presidente da Republica, em companhia dos Srs. Ministros da Fazenda, Justiça e Agricultura, Chefe de Policia, membros da sua casa militar e outras pessoas presentes ao acto da inauguração,

A PEDREIRA TRAGICA



A's 9 horas e meia da manhã de domingo, 22 do corrente, foi a cidade alarmada por enorme estampido, de tal forma terrível, que deixou a mais viva inquietação no espirito publico e deu origem a perguntas e indagações de toda a especie. Não tardou, porém, a circular de bocca em bocca a triste noticia de que, para os lados da Tijuca, na rua Felix da Cunha, tinha explodido um deposito de dynamite ao serviço de uma pedreira ali situada. Abusando, os proprietarios dessa pedreira, daquelle poderoso explosivo, na exploração da pedra, já por a vezes isso deu origem a desastres de maior ou menor gravidade, que motivaram varias e constantes reclamações dos moradores das circumvisinhanças sem que, todavia, os seus protestos fossem devidamente attendidos.

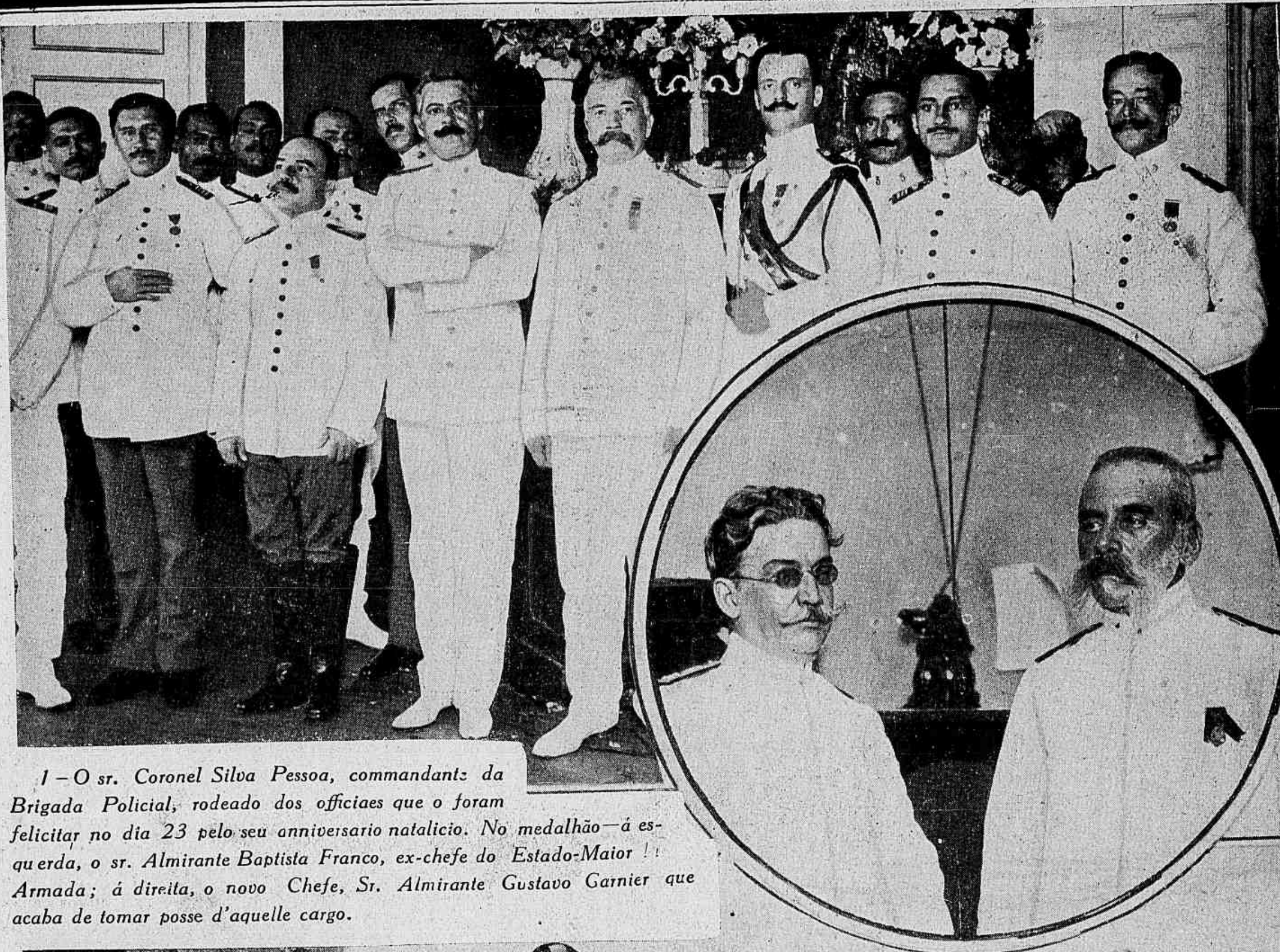
No domingo, como do costume, varios moradores proximos, entre elles mulhe-

res e creanças, ficaram de longe na malfadada curiosidade de assistirem aos effeitos da explosão e, n'um barracão contiguo, permaneciam muitos operarios occupados na remoção dos pedaços de pedra. Numa officina improvisada no barracão, o ferreiro trabalhava activamente, sem que fossem tomadas providencias sobre as faiscas que, sahindo dalli, alcançavam grande distancia. De subito deu-se a explosão no deposito de dynamite e num choque tremendo, entre espessas nuvens de fumo, acabava de ter logar uma dolorosa tragedia, em que tomaram o primeiro plano a viuvez e a orphandade, com a morte instantanea de alguns operarios, ao passo que outros cahiram feridos gravemente. A pedreira, já mal vista pela visinhança, tornára tragica aquella clara manhã de domingo, lançando por terra as illusões sonhadas momentos antes por esses humildes obreiros.



- 1—Uma das casas da rua Felix da Cunha, attingida pelo abalo da explosão.
 - 2—Manuel Theodoro do Nascimento, uma das victimas, photographado no local.
 - 3—Predios da rua Felix da Cunha, logo após a explosão da pedreira.
 - 4—A remoção dos cadaveres das victimas.
- No medalhão:—a pedreira tragica onde se deu a explosão.

Figuras & Factos



1 - O sr. Coronel Silva Pessoa, commandante da Brigada Policial, rodeado dos officiaes que o foram felicitar no dia 23 pelo seu anniversario natalicio. No medalhão - à esquerda, o sr. Almirante Baptista Franco, ex-chefe do Estado-Maior da Armada; à direita, o novo Chefe, Sr. Almirante Gustavo Garnier que acaba de tomar posse d'aquelle cargo.



O sr. Barros Moreira, que partiu para a Europa, recebendo a bordo as despedidas dos srs. Drs. Lauro Müller, Lucas Ayarragaray, Sua Eminencia o Cardeal Arcoverde, seu secretario e outras pessoas

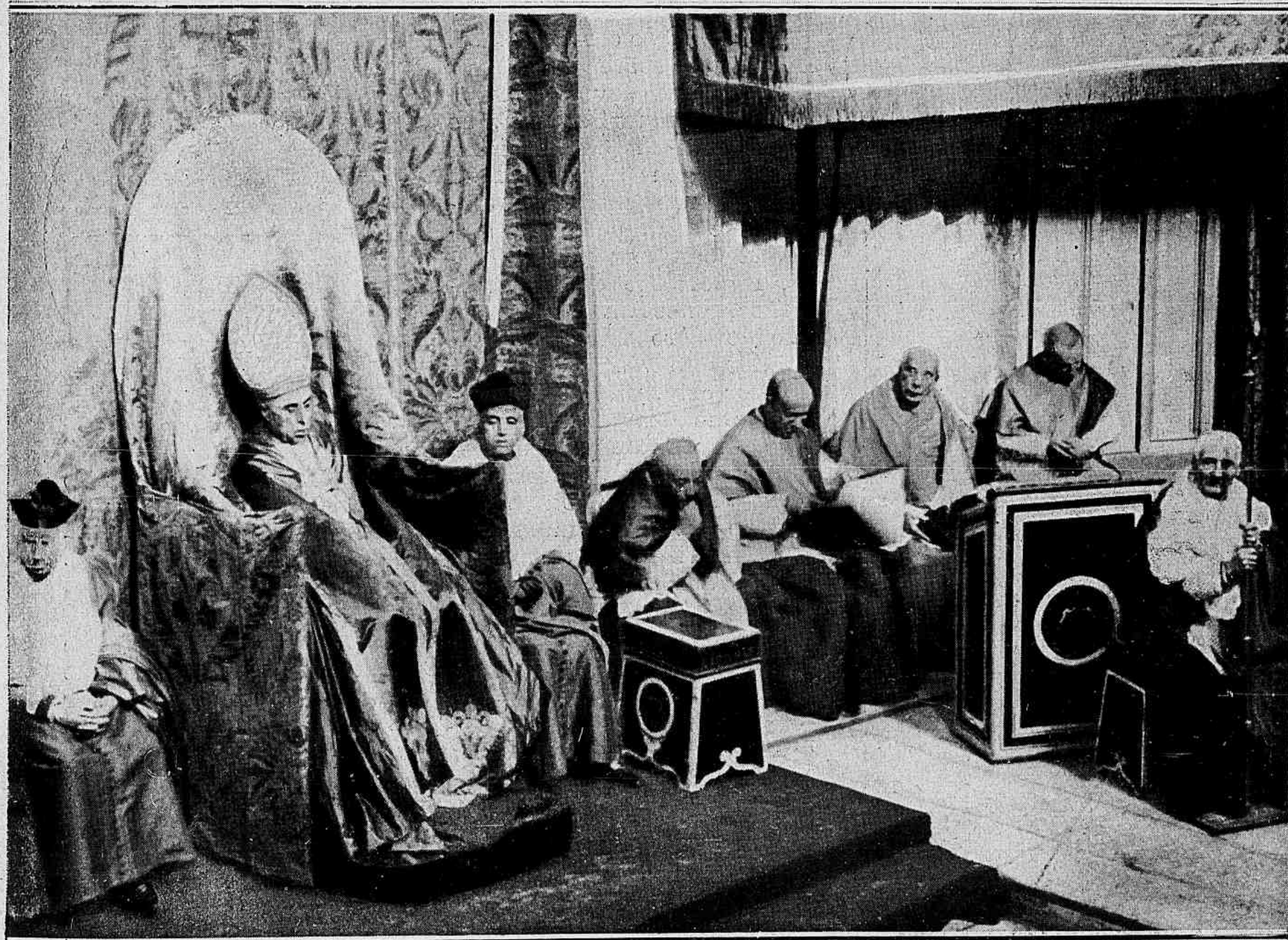
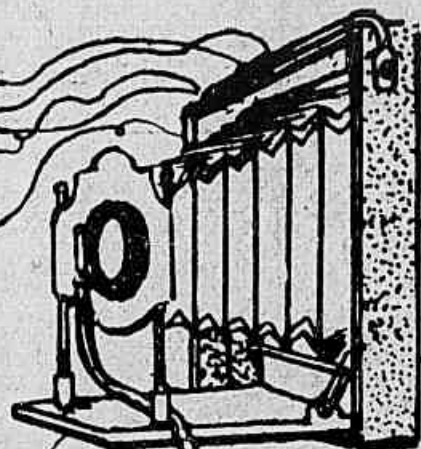


O modelo que hoje apresentamos não sendo dos que mais attraem sobre si as atenções geraes é todavia um dos que mais adoptados tem sido, e está sendo entre as damas da mais alta roda chic do mundo parisiense. Confeccionado especialmente para Bennett não tardou a ser adoptado nas ruas de Paris.

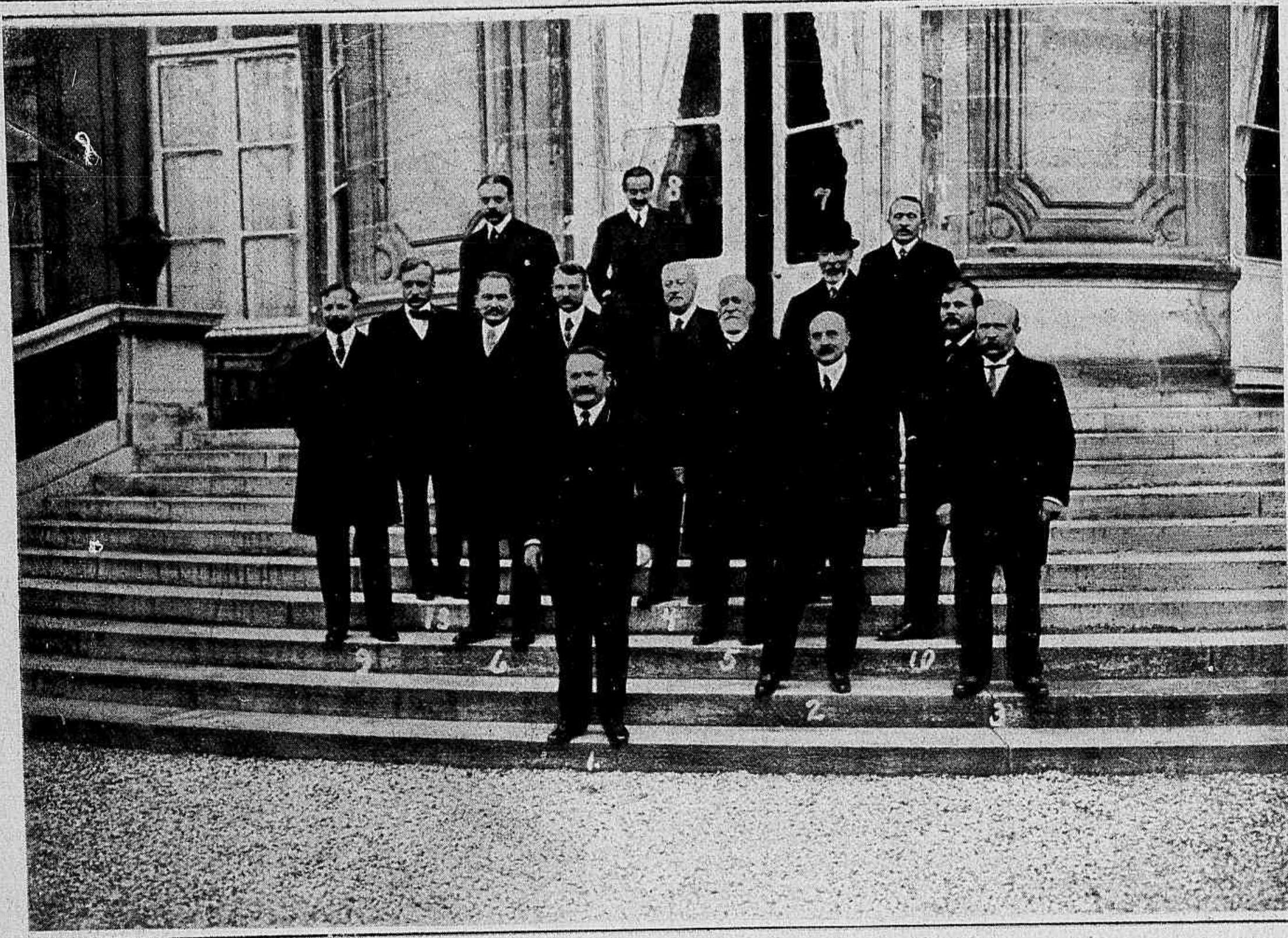
D'um branco alvinitente e com a quasi transparencia deliciosa do *voile* fino com que é feita, essa *toilette* tem a guarnecel-a, n'um ar despreoccupado e simples, tão sómente uma fita de veludo azul-Saxe e alguns pequeninos *bouquets* de rosas que a tornam levéras encantadora.

(Clichés—Félix)

REPORTAGEM MUNDIAL



1—Banquete em honra do illustre escriptor brasileiro sr. Paulo Barreto (João do Rio), realizado em Lisboa, no "Martinho", com a assistencia de varios intellectuaes portuguezes. 2—O sr. D. Antonio Mendes Bello, Patriarcha de Lisboa, assistindo e celebrando a festa de Cinzas depois de ter sido amnistiado pelo recente e respectivo decreto.



No dia 16 do corrente mez, Paris foi sobresaltada por uma noticia devéras sensacional. Madame Caillaux, que se tinha casado em segundas nupcias com o sr. Caillaux ministro das Finanças, intensamente excitada com a campanha persistente que o *Figaro*, importante diario parisiense, encetára contra seu marido a proposito de certas medidas de fazenda defendidas por este, julgou tal ataque como altamente deshonroso e aviltante para elle e para si.

Por esse motivo, procurando o sr. Calmette director do *Figaro* desfechou contra elle tres tiros de pistola *Browning* que lhe causaram a morte provocando a prisão de Mme. Caillaux, manifestações populares junto do Ministerio das Finanças e a demissão do sr. Joseph Caillaux do Ministerio.

A causa que foi entregue ao advogado Labori, defensor de Mme. Caillaux, *batonier* da Ordem dos Advogados e que foi o defensor do capitão Dreyfus, está despertando o maior interesse em toda a França para não dizermos em todo o mundo.

I - O gabinete francez: 1, M. Doumergue (Presidente do Conselho); 2, M. Joseph CAILLAUX (Ministro das Finanças); 3, M. Noulons (Guerra); 4, M. Monis (Marinha); 5, M. Albert Lebrun (Colonias); 6, Bienvenu Martin (Justiça); 7, M. Rube Lenoult (Interior); 8, M. Malvy (Commercio e Telegraphos); 9, M. Fernand David (Obras Publicas); 10, M. Albert Métin (Trabalho); 11, M. Maginot (Guerra-sub-secretario de Estado); 12, M. Jacquier (Bellas-Artes-sub-secretario de de Estado); 13, M. Raoul Peret (Interior-sub-secretario de Estado); 14, M. Ajam (Marinha mercante, sub-secretario de Estado). II - Mme. Joseph Caillaux. III - Mr. Gastão Calmette, ex-director do "Figaro".



1—Monumento erigido ao glorioso escriptor allemão Henri Heine, e que acaba de ser inaugurado em Frankfort. Henri Heine, que nasceu em Dusseldorf e falleceu em Paris, é, como todos sabem, o auctor de innumeras poesias escriptas com um profundo scepticismo.

2—A' imitação das damas turcas, as parisienses elegantes estão adoptando o duplo véo oriental em que a parte superior é de tal forma transparente que deixa vêr por completo a propria expressão do olhar ao passo que a parte inferior é quasi uma especie de mascara.

As damas brasileiras que primam pelo bom gosto na arte de vestir já adoptaram tambem e francamente essa moda oriental.

3—A este de embocadura do canal do Panamá, perto de Colon, foi inaugurado ha dias um monumento ao celebre navegador Cristovam Colombo que em 1492 descobriu a America.

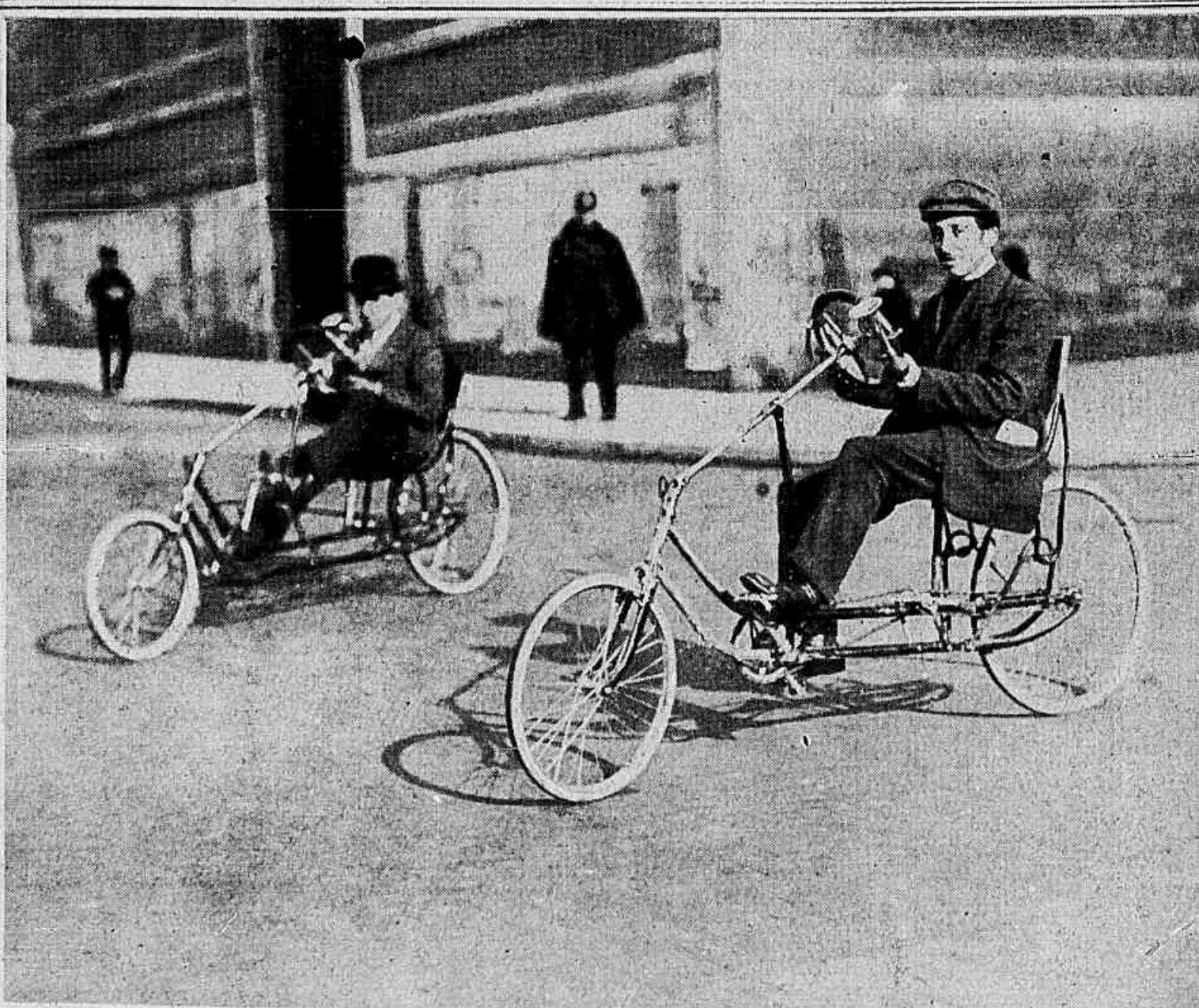




1—A Missão Americana Panamá-Pacífico depois do banquete oferecido pelo governo português.

2— O sr. Granville Dager que vem da America do Sul tratar dos assumptos da Exposição Internacional de Turismo.

3—Mr. Guglielmo acaba de inventar um novo modelo de bicyclette que tem causado successo, devido ao conforto e commodidade que encerra. Este novo genero de bicyclettes, chama-se mesmo «cycle-confort».





A Parisienne



Escrever um pequeno artigo a proposito da parisiense é tarefa difficil, porque esta interessante mulher, a primeira do universo na graça e nos dotes espirituaes, é inexgotavel de estudo, mormente para o estrangeiro, que nella vem encontrar a realidade de todos os seus rêves de adolescente.

Mas quem é a parisiense? E' a franceza de Paris, dirão os leitores. Não é assim precisamente; a parisiense é o resultado de um mixto de cousas, que escapam ao analysta mais profundo e attento.

Para formal-a congregaram-se os elementos ethnicos mais differentes, e os mais diversos elementos moraes, o bem e o mal, a virtude e o vicio, o preconceito e o descoro, a honestidade e o crime, tudo com elevados expoentes.

E' versão corrente que a parisienne é fria, egoista, coquette, futil, e cruel. Diz della um celebre escriptor da actualidade, que, "se lhe fizesse a antopsia do coração só nelle se encontraria a ultima conta da modista".

Graciosa, d'uma graça espiritual, não sensual como a da hespanhola, linda, delicada, *fausse maigre*, é uma delicia a contemplação do seu corpo, cujas linhas, mysteriosas, se tantas vezes fogem ao cinzel de Phidias, sempre seduzem uma alma de artista.

Mas a principal seducção da parisiense está no seu espirito, no encanto da sua conversação.

Se entramos n'uma sala e escutamos as mil futilidades que lhe saem dos labios, sentimo-nos extasiados, envoltos na fascinação que della emana, chegamos a pensar que é illustrada, muito lida, muito sensata. Mas se pouco depois comprimimos na mão todos os seus ditos, achamos a mão vazia; e, comtudo, ao abril-a evolvem-se della mil graças que nos compensam da desillusão.

Frivola em conclusões, tem o genio da criação; viciosa nata, assombra por vezes pela sua dedicação exaltada e sacrificios no amor; capaz de todos os vicios, é capaz de to-

das as virtudes. Todos os dotes moraes existem nella latentes, e vibram intensamente em dadas circumstancias.

As suas leituras são ligeiras e poucas, não só pelo receio de vêr-se retratada fielmente, mas porque a enervaria o peso indigesto de ideias sensatas e profundas.

Falai-lhe dos escriptores d'analyse; ella detesta-os, repelle-os, infama-os, porque vê nelles os seus maiores inimigos, pois que vão ao fundo da sua alma mostrar-lhe segredos e defeitos que deseja conservar bem occultos.

Falai-lhe do socego da provincia e dos campos; aterra-se, porque o movimento e o turbilhão lhe são necessarios como parte integrante do seu ser; a sós consigo, no isolamento, a parisiense enlouqueceria ou morreria definhada.

A sua falta de conhecimentos profundos é corrigida em parte por um dote singular; a parisiense apanha *au vol* todas as ideias que ouve expandir nos salões, na scena dos theatros, no *babillage* dos *thés*, na leitura dos jornaes.

E, em verdade, difficil é tocar um assumpto qualquer, de que ella não tenha duas outras ideias; expostas ellas, desvia logo a conversação com infinita arte.

De resto o tempo mingua-lhe para reflectir na vida. Tem o seu *jour* para receber as pessoas amigas; sentada n'uma alta cadeira de docel dourado, a todos distribue sorrisos, compunge-se com as suas maguas, mostrando interessar-se profundamente pelo que a cada um diz respeito.

E, comtudo, ella nada escuta, nada a interessa, nem a musica da *Opera*, nem o drama da *Comédie*, nem as lagrimas de uma esposa que perdeu o marido, nem o desespero de um millionario arruinado que pensa no suicidio.

Eh! *bon Dieu!* dizia uma parisiense, *s'il me fallait écouter quelque chose, je n'irais jamais nulle part.*

Só a prende o culto da sua pessoa, o material; estudou e calculou os sor-



risos que espalha, os olhares, as palavras; mas dá-lhes tal apparencia de naturalidade, é tão boa actriz, que illude os incautos.

O decote audacioso dos seus vestidos, mostrando retalhos de carne que são promessas de completa nudez, tem por vezes taes exaggeros que toca o impudor.

E' d'uma marquezinha da cõrte de Luiz XV esta phrase symbolica: — *Oh ! la pudeur ! Belle vertu qu'on attache sur soi avec des épingles.*

A actual parisiense tem o mesmo crédo.

* * *

A França é um paiz que domina o mundo com o vapor da sua intelligencia e a fertilidade da sua imaginação; são francezes os livros estudados nas escolas; francezes os romances que se preferem, franceza a confecção das eguarias que se servem á mesa, francezes os *menus* dos restaurantes, e até é uma imitação dos costumes francezes o jantar ás 7 ou 8 horas da noite habito democratico trazido pelas Revoluções, hora a que janta o operario quando larga a trabalho, e que muitos *snoobs* julgam ser originados em costumes aristocraticos.

O mundo cegou, perdeu a independencia e originalidade do pensar e do proceder, e segue em tudo os habitos de Paris.

Mas onde a imitação se torna mais evidente é na moda do vestuario feminino, e a moda creou-a a parisiense, impol-a a todas as mulheres do universo, e todas as mulheres a ella se escravizaram, sem quererem vêr que essa escravidão não sómente lhes avilta o moral, mas quasi sempre a propria belleza, pois que a moda deve adequar-se ao typo de cada grupo ethnico. do mesmo modo que o chale e a mantilha hespanhoes ficariam deslocados na parisiense, assim a andaluza ou a madrilena abastardam a sua formosura com traje que aquella lhes impõe.

As *robes étranglées* não só se tole-ram na parisiense, mas por vezes enthusiasmam. Ella creou tal moda com a malicia avara de que, o que a ella tornaria provocante e seductor teria effeito contrario nas outras mulheres. Por que ? Porque os passos miudinhos e infinitamente graciosos da parisiense *cabem* no *travadinho* da saia, agitam-n'a suavemente de modo a dar-nos a impressão

d'um nú delicado, cheio de mysterios de contornos.

Ha annos, em Lisboa, tive occasião de travar relações com duas gentis parisienses, que, desembarcando por algumas horas de um paquete que se dirigia a Buenos Aires, anceavam por observar as damas lisboetas, que lhe constava serem muito interessantes. Subimos n'um electrico á rua do Ouro e a Avenida á hora de maior concurrencia, e ao despedir-me dellas, perguntei-lhe o seu conceito sobre as minhas compatriotas. "*Mais, monsieur, vos femmes ne marchent pas, elles se laissent aller*", respondeu-me uma dellas, enquanto a outra confirmava o dito com um sorriso desdenhoso.

Era um exagero de critica feminina; e comtudo, ao vê-las afastarem-se nos seus passinhos miudos e graciosissimos, comparei-as com as senhoras que passeavam perto de mim, e... pelo menos tive de concordar em que a *robe étranglée* não ia bem ás portuguezas...

* * *

Mas em presenca do aspecto de frivolidade sob que apresentamos aqui a parisiense, cabe perguntar: Foi ella sempre assim ? E' ella diferente da de outros tempos ?

A parisiense de hoje é um producto do seu tempo, e não uma constante. Foi o seculo que a formou a sim foi o homem que, desprezando-lhe os thesouros da alma, a reduziu a uma quasi nullidade moral. O meio abastardou-a; com a morte do romantismo o homem tornou-se positivo, pratico, sensualão, tendo chlorose e tuberculos no ideal amoroso.

A parisiense comprehendeu que elle a deseja materialmente, que a despe com o olhar prescrutando-lhe as fórmãs, admirando nella a fêmea. Então ella procura despir-se sem abandonar o vestido, deixa adivinhar sob a face ligeira a maciesa das curvas, a ausencia dos angulos a escultura da coxa que se desenha sob a repuxada *robe collante*.

O theatro concorreu tambem para desmoralizal-a com o desenvolvimento das suas theses pornographicas; e nudez quasi completa das dansarinas nos bailados, onde nem já o *maillot* procura mascarar o obsceno, arrancaram-lhe os derradeiros farrapos de moralidade e de revolta.

Quasi núa no corpo e na alma





porque a flor do sonho emmurcheceu á falta de cultivo, passeia o seu tédio pelos *boulevards* e salões a oferecer em troca do amparo de um marido o zéro da sua pessoa moral.

Não devemos, porém, affirmar que em Paris o typo de intellectualidade feminina não exista. Mas elle abastarda a sua missão, ancioso de notariade, incapaz de *tenir en place*, ardendo n'uma chamma que o consome, que a torna febril, que o faz descer o pedestal da sua elevada hierarchia ao palco dos theatros, aos cafés de bohemios, dizendo a todos — cá estou, existo, admirem-me.

E assim vemos, entre outras senhoras, a duqueza de R. fazendo conferencias sobre caça, no theatro de Marigny; a marquiza de N. publicando versos *à tort et à travers*; a linda Mme. Lucie T. escriptora e poetisa, evangelizando nos *Noctambules* do Bairro Latino e no *E'patant* de Clichy, dois cafés cantantes da bohemia parisiense, por meio das suas cançonetas de caracter religioso, destinadas a combater o vicio e a licenciosidade; e a excentrica Mme. D. vestida de frack e chapéo alto acompanhando seu marido a todas as *soirées*, como o acompanhou em todas as suas explorações no deserto africano.

Se todas estas loucuras não fossem feitas com tanta graça que impõem o perdão, far-nos-iam fugir aterrados deste meio variadas cousas bradam contra o decoro dos nossos principios patriarchaes e... *sauvages* no dizer da espirituosa parisiense, toda exterioridade e futilidade.

E comtudo era a mesma parisiense de ha seculo e meio, que sob o nome de Mlle. de Lespinasse escrevia em duas linhas sublimes, este profundo grito de delirio, ao homem que a torturava, mas ao qual dera o seu grande e terno coração: "*De tous les instants de ma vie, 1774,*

Mon ami, je souffre, je vous aime, je vous attends"; ou que sob o nome de condessa de Sabran escrevia tambem: "*Adieu, mon époux, mon amant, mon ami, mon univers, mon âme, mon Dieu.*"

Sobre a linda parisiense, como é injusta a classificação que alguns lhe dão de — frivolidade nata! —

Em summa, adaptando-se a todos os tempos, a todas as civilizações, ella é e será sempre o eterno modelo em que os amantes da psychologia feminina encontrarão o mais grato estudo. Ella ali está, fecunda de dotes moraes latentes, que a época fará evidenciar a seu talante.

Paris mudou. D'uma cidade branca e côr de rosa, formada de cantaria e tijolo, o modernismo fez uma cidade de cimento armado, negra pesada, tristonha; da sumptuosa Paris de bailes de côrtes, de cavalgadas de lindas e empoadas marquezinhas Luiz XV, nada existe hoje.

E onde está a Paris de Paulo de Kock, de Eugénio Sue, de Balzac. tudo o que ella tinha de jovial, de rejuvenescedor para as almas atribuladas? Onde está o *Palais Royal* das *nymphas*, das casas de jogo, dos duelos, esse palacio de contos orientaes do qual se dizia — Vê o *Palais Royal* e morrer! Onde está o *Mabille* dos cancanes, o tortuoso Bairro Latino dos estudantes foliões e das estouvadas *grisettes*?

Tudo se foi. Porém, na tristonha, escura e pesada Paris de hoje, onde só se trabalha, onde os automoveis se cruzam vertiginosamente na ansia de chegar depressa, de concluir um negocio de bolsa, só ficou constante, immutavel na sua belleza, no seu *charme*, na sua graça, a parisiense.

J. DE MELLO.

Paris, 22 de Fevereiro de 1914.

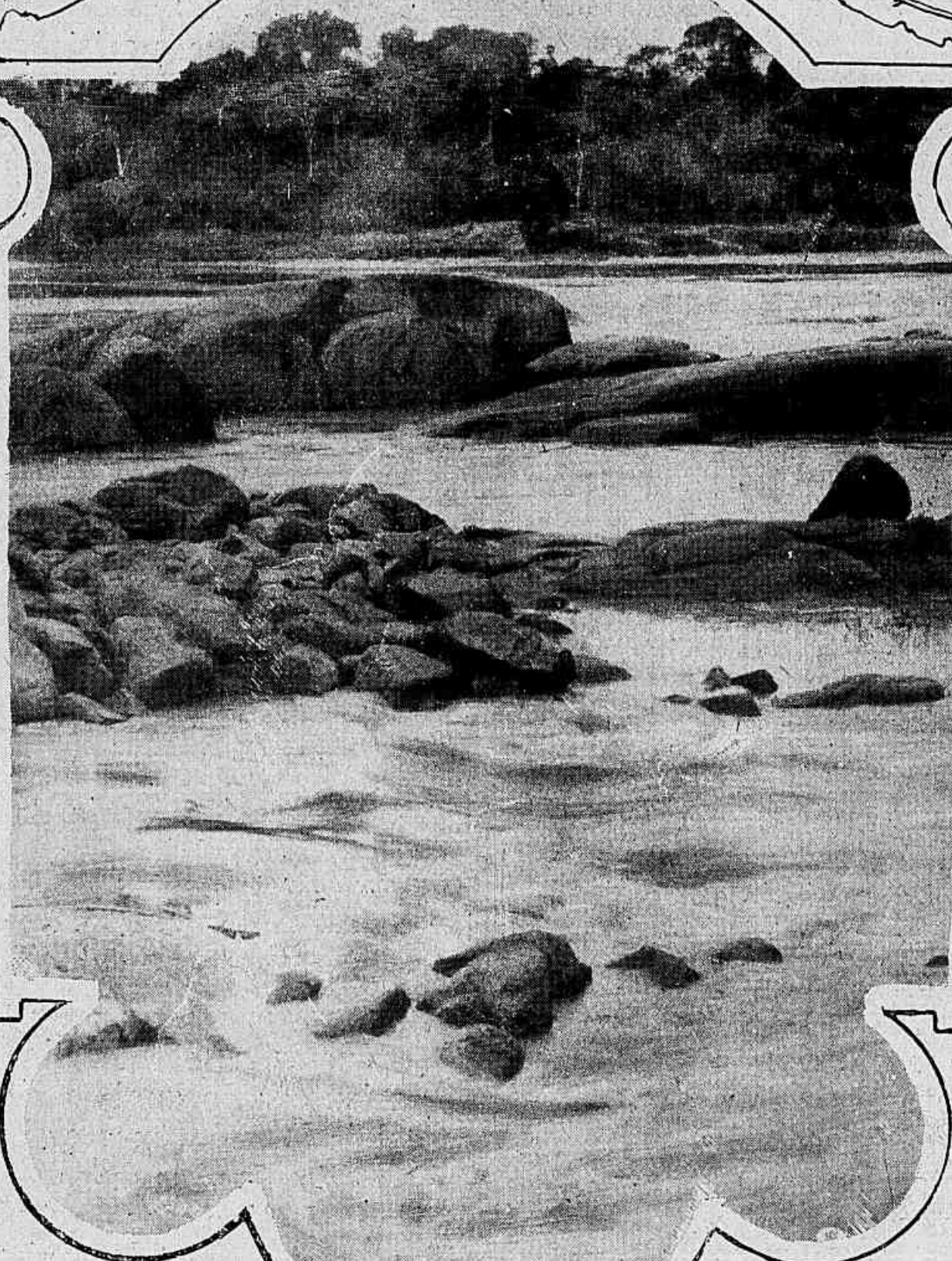


OS RIOS DO BRASIL

AS CACHOEIRAS DO RIO MADEIRA

O rio Madeira que é um dos rios magestosos do Brasil, é, nem mais nem menos, o *Caiary* ou *Rio Branco* dos indios que apóz a fundação do forte do Presépio, em 1616, foi descoberto pelas numerosas bandeiras de resgate que sulcaram as aguas dos rios do valle do Amazonas.

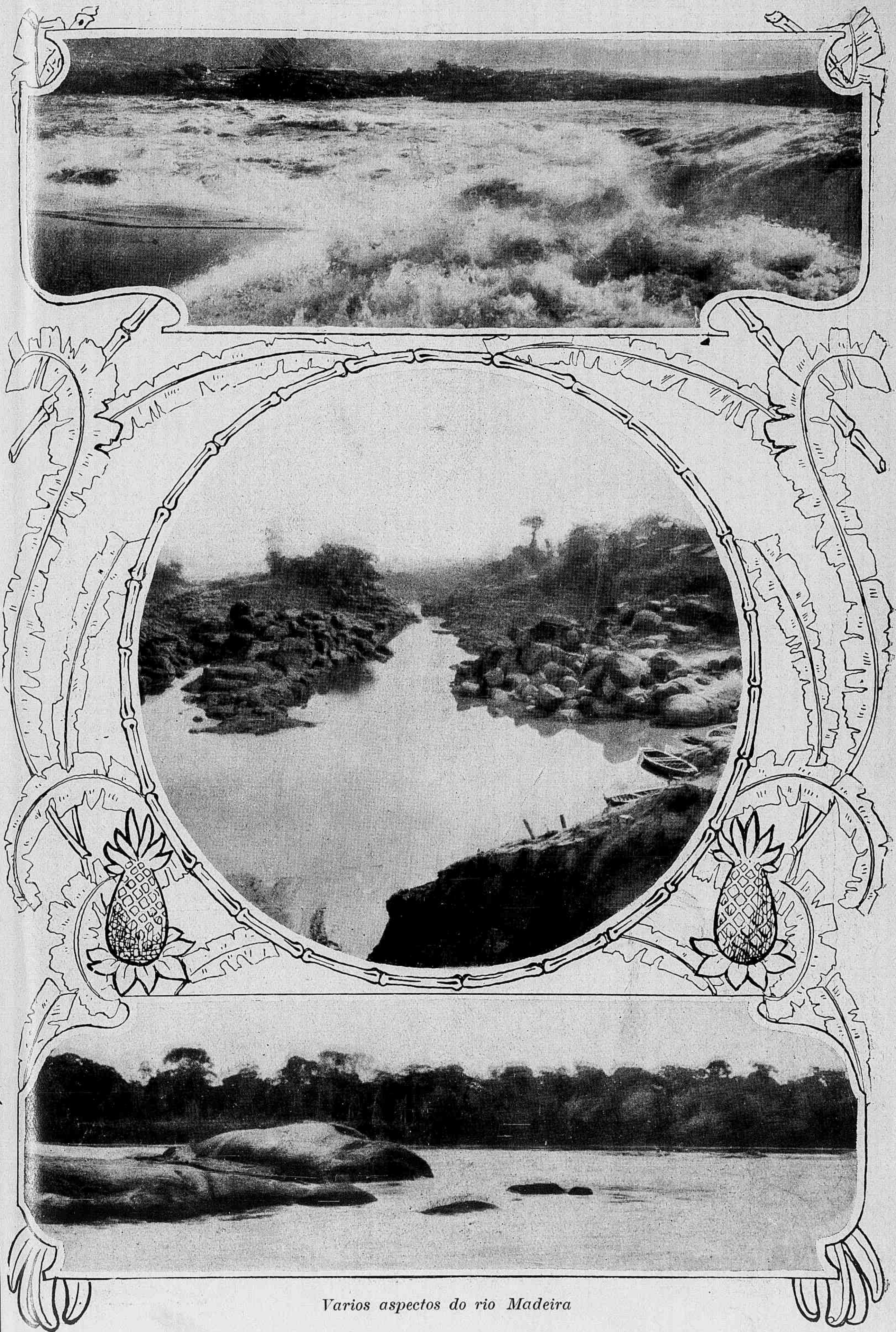
Depois das margens d'esse rio terem sido infestadas pelas ferozes arriadas da nação Turá e pelas investidas do gentio Mura, chegou ao governador do Pará, João de Maia da Gama, a noticia, por intermedio



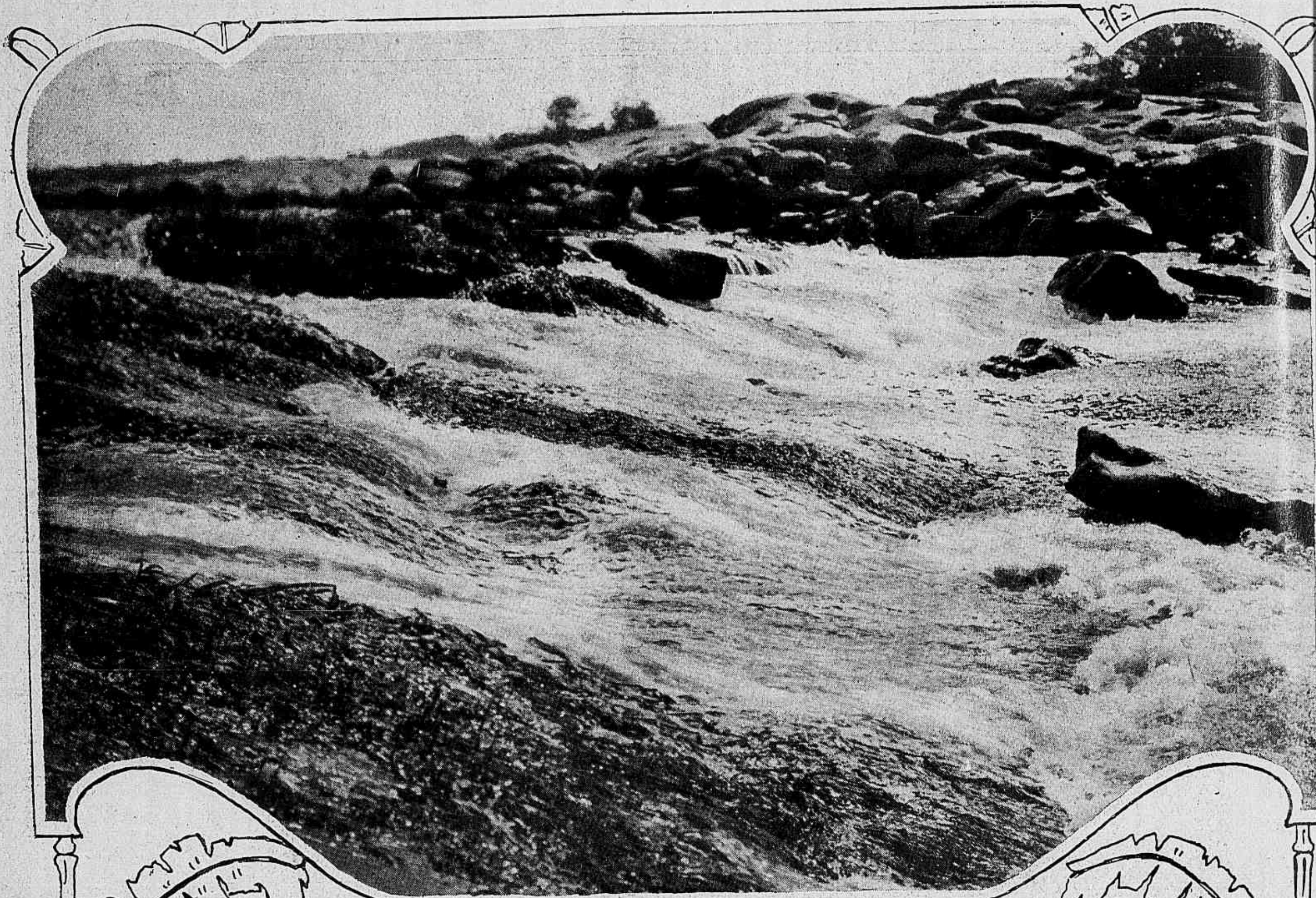
de alguns contractadores do gentio do Madeira, que acima das suas cachoeiras existiam habitações de gente europeia sem que todavia se soubesse ao certo se eram de hespanhoes ou portuguezes. Para que a verdade fosse apurada, o mesmo governador ordenou em 1722 a Francisco de Mello Palhêta que fosse explorá-lo o que este fez dentro de pouco tempo transpondo as cachoeiras e todos os demais obstaculos n'uma viagem arrojada, cheia de peripecias e de contrariedades subin-



Alguns aspectos do rio Madeira



Varios aspectos do rio Madeira



do até á aldeia da Exaltacion de Santa Cruz de los Cujubabas. Foi então que Mello Palhêta lhe deu esse nome em virtude da abundancia de madeira nas suas margens.

Mais tarde porém o portuguez Manuel Felix de Lima demonstrou com provas bastantes que o Madeira poderia ser transposto de forma a estabelecer comunicação para além da missão hespanhola da Exaltacion ou seja até Matto Grosso. O resultado de tal revelação que deveria constituir maior contentamento para o referido governador, tão manifestamente preocupado com o assumpto e que tanto empenho parecia mostrar não olhando a sacrificios nem a despesas, não correspondeu porém á alegria dos que lhe levaram a boa nova. Em vez de recebê-los de braços abertos festivamente, sinceramente, aproveitou-se porém do segredo que lhe foi confiado e teve como pagamento para esse aventureiro um mandado immediato de prisão, mandando-o pôr a ferros. De então para cá as explorações succederam-se sendo hoje o *Madeira* um dos rios que mais riqueza desenvolvem e provocam dentro do paiz e um dos que possuem maior somma de aspectos sobremaneira pittorescos como é facil de vêr pelas gravuras que hoje publicamos.



Aspectos do rio Madeira

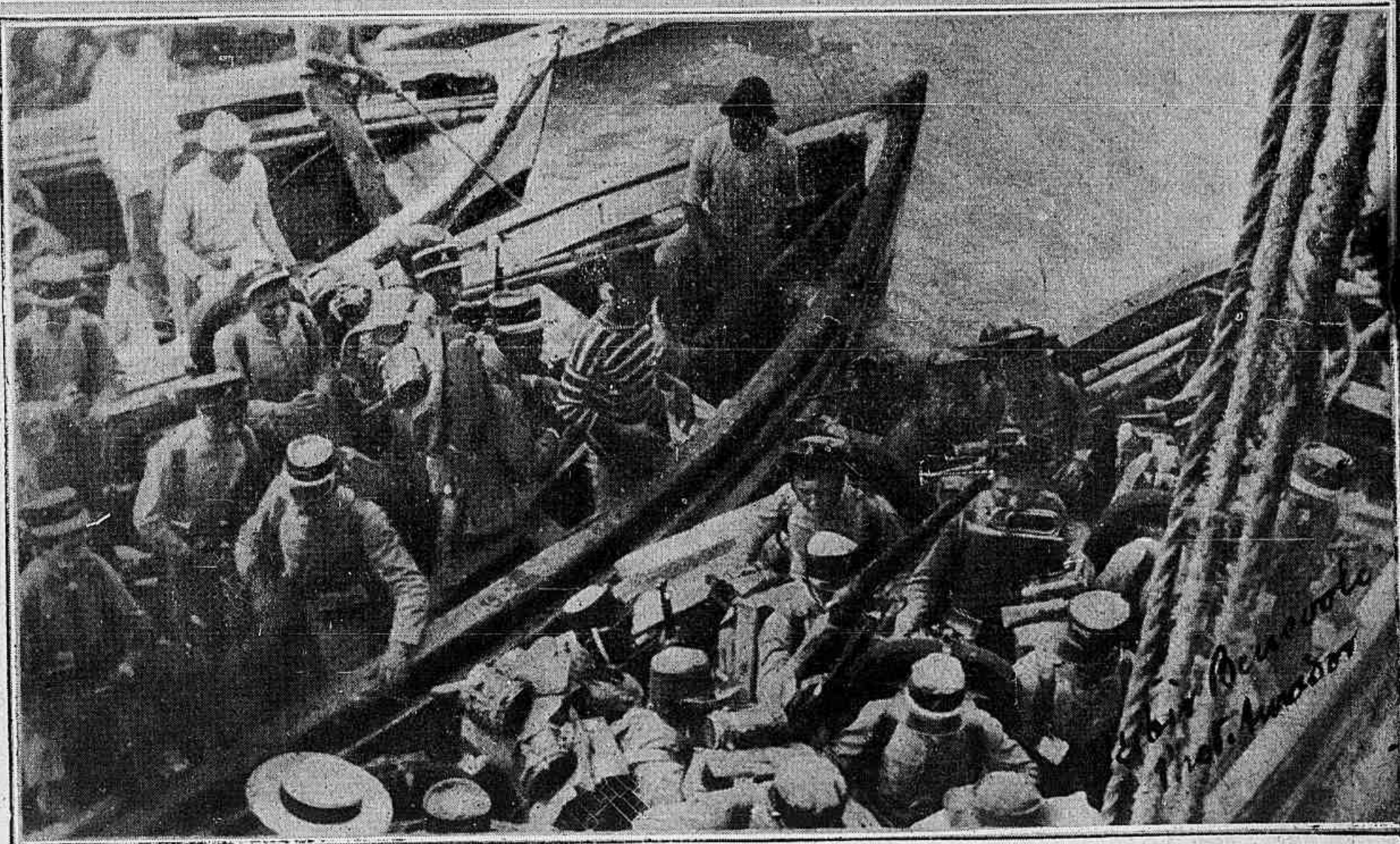
ECHOS DE UMA TORMENTA



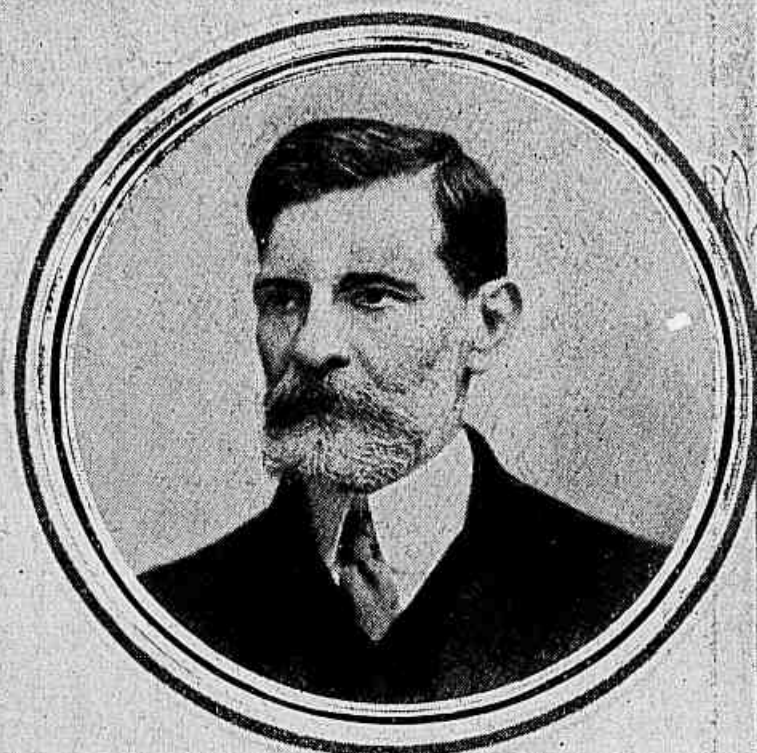
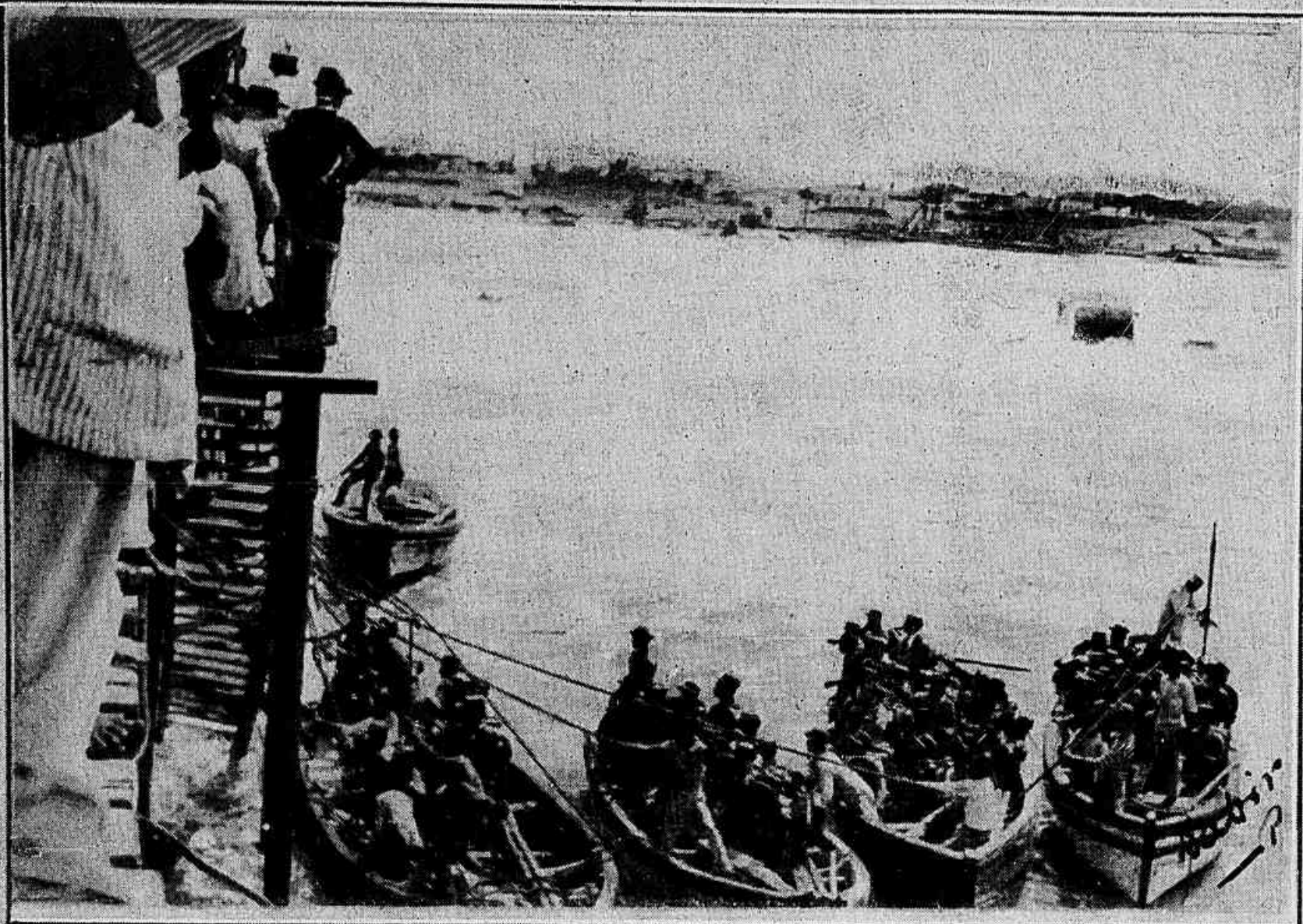
1—Aspecto do desembarque, na Fortaleza, das forças que estacionaram em Parahyba.

2—O Sr. Dr. José Borba, deputado estadual e chefe das forças revolucionárias que estacionaram em Maranguape, 15 k. de Fortaleza.

3 — Manifestações em Fortaleza, à chegada do Sr. Coronel Setembrino de Carvalho.



4—Outro aspecto do desembarque de forças que despertou a mais viva impressão no povo da capital cearense.



1—Outro aspecto do desembarque das forças federaes na Fortaleza.

2—Deputado Sr. Virgilio Brigido, um dos directores da politica reaccionaria que derribou o governo do Sr. Coronel Franco Rabello.



3—Dr. Aurelio de Lavor, clinico em Fortaleza e deputado estadual, e um dos principais chefes da revolução cearense.

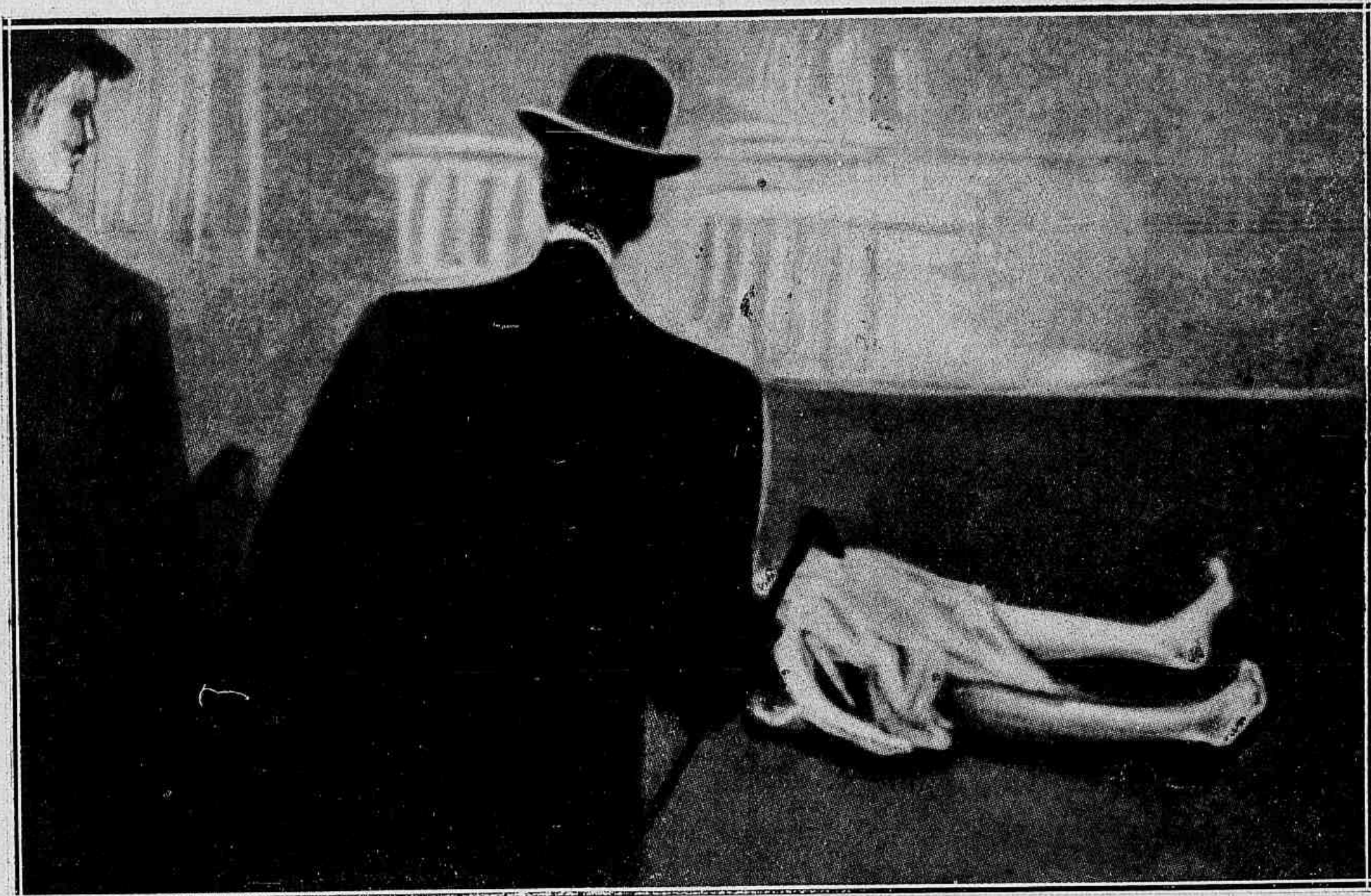


4—Aspecto das manifestações pela chegada do Sr. Coronel Setembrino de Carvalho, á Fortaleza.



5—Outro aspecto das manifestações pela chegada do Sr. Coronel Setembrino de Carvalho á Fortaleza.

6—O Sr. Major José Alves Bezerra, um dos directores do movimento recacionario na cidade de Larvas.



Sobre o tapete jazia o corpo meio nú . . .

REFLEXOS DE SOL

O METHODO DEDUCTIVO DE UM

. DESCOBRIDOR DE CRIMES

(Continuação do numero anterior)

Entrei tambem no quarto. Sobre o tapete jazia o corpo meio nú de um homem que apresentava as pernas e os braços com vestigios de contorções dolorosas, o rosto pallido, emagrecido, no qual os olhos guardavam uma extraordinaria expressão de pavôr ao passo que a bocca conservava um rictus de espanto.

— Morreu, exclamou Morris, apoz um rapido exame.

— Mas como, indaguei eu, se não vejo o menor vestigio de sangue ?

— Olha, respondeu Morris mostrando sobre o peito do morto, entreabrindo-lhe a camisa, duas ou tres gottas vermelhas...

— Ah! tens. Com a mão esquerda apertou-lhe a garganta suffocando-o, com a direita picou-lhe o coração. E digo "picou-lhe" porque, na verdade, a ferida é quasi imperceptivel. Dir-se-ia a picada d'uma agulha bastante comprida.

Nisto olhou para o chão em torno do cadaver.

Nada havia digno de attenção a não ser um pequeno espelho de bolso, o mesmo certamente com que o secretario do Barão se divertira a fazer projecções aproveitando os raios de sol.

Entretanto a porteira arrepelava-se chamando

por soccorro, lamentando-se em altos gritos. Morris avançou para ella intimando-a a calar-se.

— Gale-se ! Ouça o que lhe vou perguntar e responda-me com sinceridade.

— Sim, meu senhor.

— O morto tinha um amigo intimo que mora aqui perto, que todas as tardes se encontrava com elle no café e com quem trocava até alguns jornaes illustrados, não é assim ?

— E'...

— Como se chama esse tal amigo ?

— Sr. Dulâtre.

— E onde móra ?

No numero 92, nesta rua.

— Mais uma pergunta: o velho, o medico, vinha aqui ha muito tempo ?

— Não, meu senhor. Eu não o conhecia. Vi-o só na tarde em que o nosso inquilino cahiu doente, na cama.

Morris não esperou por mais indicações e mal a porteira acabou de responder, arrastou-me de novo atraz d'elle, desceu rapidamente as escadas e voltou á direita, o que nos fez passar de novo defronte da casa em que eu morava.

Quatro numeros adiante parou em frente do



E levantando-se subitamente agarrou o Barão pelos hombros e sacudindo-o . . .

92, que correspondia a uma casa baixa, cujo rez do chão estava occupado por um negociante de vinhos que nesse momento fumava regaladamente á porta.

Informando-se no corredor de entrada. Morris ficou sabendo desde logo que o Sr. Dulâtre tinha sahido havia meia hora...

E continuando nas suas informações o paca-to negociante de vinhos accrescentou por entre uma fumaça:

— Pareceu-me muito agitado, nervoso e tomou um automovel que passava, o que é contra todos os seus habitos...

— E o senhor não sabe...

— Onde iria ? Não serei indiscreto se lhe disser o seu destino porque elle foi o primeiro a gritar bem alto ao *chauffeur*: para a Central da Policia!

Morris teve a intenção brusca de tomar um taxi, mas encolhendo os hombros ouvi-o murmurar:

— Para que ? Já não poderei alcançal-o !

Perguntou então se não tinha vindo ninguem procurar o Sr. Dulâtre depois d'elle ter sahido.

— Sim, senhor. Um homem já velho, de barba e de lunetas, que foi lá cima á porta do quarto, bateu e tornou a sahir...

— Muito obrigado, disse Morris, saudando-o. N'um passo vagaroso, com ar apprehensivo e sem me dirigir a palavra o meu companheiro cogitava, sem duvida, na solução de qualquer problema intrincado e procurava fazer luz nas trevas que o cercavam.

D'ahi a pouco, porém, como que fallando comsigo mesmo, disse convicto:

— São assumptos que necessitam mais de intuição que de reflexão.

— Chegámos ás avenidas novas. Morris entrou numa redacção amiga e pôz-se a manusear varios jornaes da ultima quinzena, murmurando de vez em quando:

— Sim... sim... Evidentemente, isto não passa d'uma hypothese mas o caso é que, sendo assim, explica-se tudo...

Ora uma hypothese que nos justifica os factos não está longe de ser uma verdade.

Como a noite fosse surgindo, fômos jantar a um modesto restaurante e só então notei que o rosto de Morris se animava pouco e pouco.

Os seus gestos eram mais decididos e percebia-se-lhe de novo a sua costumada alegria. Quando sahimos do restaurante, Morris era já aquelle Morris das situações difficeis, das grandes occasiões, disposto a lutar e a ganhar a partida. Seguindo por varias ruas que faziam caminho para a casa do Barão de Calvet, mal Morris a avistou exclamou com decisão:

— Alto ! E' alli que móra o Barão.

— Mas o que vaes fazer ?

— Apenas buscar uma prova que me falta ainda para confirmar a minha hypothese.

— Que prova, se eu não vejo cousa alguma...

— Mas vejo eu e isso me basta.

Levantou a golla do casaco, derrubou o chapéo mole e monologou:

O combate vae ser encarniçado. Vae-te deitar, meu bom amigo. Amanhã te contarei tudo se não perder a vida.

— Hein ?

— Corro um grande perigo. Primeiramente, correrei o risco de ser preso, depois o risco de ser morto, o que é bem peor... Só isto...

E agarrando-me violentamente pelos hombros:

— O terceiro risco que eu corro é de embolsar dois milhões.

E quando eu tiver a primeira parcella dessa quantia veremos do que serei capaz...

Agora, boa noite... E se não te tornar a vêr manda plantar um salgueiro na minha cova, como disse o poeta...

Afastei-me logo, mas na manhã seguinte Morris contava-me ninuciosamente tudo quanto se pas-

sou depois de nos termos separado. Uma vez á porta do Barão, subiu, tocou a campainha e perguntou se o sr. Barão de Calvet estava em casa.

— Está, sim, senhor, respondeu-lhe o criado, examinando o intruso com um olhar de espanto; mas a esta hora já não recebe ninguem.

— O Sr. Barão já sabe do assassinato do seu secretario ?

— Creio que sim.

— Bom; pois vá dizer ao Sr. Barão que está aqui alguem que o procura por causa do assassinato e que não tem um minuto a perder.

Uma voz lá do alto, ordenou firmemente:

— Manda-o subir, Antonio.

E o criado perante essa ordem peremptoria fez subir o visitante.

No patamar superior estava aberta uma porta e no limiar via-se um homem que Morris reconheceu ser o Barão pelos retratos ultimamente publicados nos jornaes a proposito da fuga da Baroneza e, antes disso, a proposito dos triumphos alcançados pelo seu cavallo "Etna", o mais celebre desse anno.

Era um individuo bastante alto, de hombros largos, cujo rosto barbeado, com uma expressão amavel e quasi sorridente não conseguia desvanecer a tristeza do olhar.

Vestindo com elegancia, trazia como alfinete de gravata uma perola que Morris avaliou por alto preço, enquanto era introduzido no seu gabinete de trabalho. Era um vasto aposento com tres janellas, cercado de estantes com livros, d'uma secretaria americana e d'um cofre forte.

— Sabe alguma cousa ? perguntou o Barão com um enleio manifesto.

— Sim, sr. Barão.

— Relativamente ao assassinato do meu secretario ?

— Tal e qual. E tambem com respeito á Sra. Baroneza.

— Será possivel ? Diga depressa... vá... Indicou a Morris uma cadeira que este aceitou sentando-se.

— Sr. Barão, o caso é grave e eu vou ser breve.

— Isso, vamos aos factos.

— Pois bem, sr. Barão, soube em casa do seu secretario que ha quinze dias, pouco mais ou menos aquelle fôra visitado por um medico que o sujeitou a uma especie de reclusão. Sem meios de fuga, o pobre recluso viu-se obrigado a telegraphar certas revelações servindo-se para esse fim d'um espelho de bolso e dos reflexos do sol com que fazia os signaes necessarios para o entenderem.

Esses signaes foram surprehendidos por mim, razão porque me metti a desvendar o caso, e por alguem que é sem duvida a pessoa que o assassinou.

— Mas quem ? Quem ?

— O medico...

— E o nome d'esse medico ?

— Não sei. Mas o Sr. Dulâtre, que era um amigo intimo do secretario de V. Ex. e que era a pessoa para quem eram feitos os signaes, deve saber tudo isso.

— ? !

— Porque nem sequer esperou pelo final da



Os dois inimigos n'uma luta feroz, abraçados, lutando corpo a corpo pareciam possuídos d'uma raiva selvagem

comunicação héliographica para tomar um automovel e dirigir-se á Policia.

— Mas porque e para que ? Qual o resultado de tudo isso ?

— O resultado... foi o cêreo da sua casa. Doze agentes passeiam debaixo das suas janellas. Assim que o sol nascer entrarão aqui em nome da lei e prenderão o criminoso.

— Nesse caso o assassino esconde-se em minha casa ?

Será por fatalidade um dos meus criados ? Mas não... Se o senhor é o primeiro a fallar-me d'um medico...

— Faço-lhe notar, Sr. Barão, que o tal amigo da victima indo, como foi, á policia, ignorava que ia dar-se o assassinato.

Tratava apenas do caso da Sra. Baroneza, cujo destino elle conhece por certo em face das revelações transmittidas com o espelho.

— O que ? Pois poderá saber-se ?... Encontraram minha mulher ? E o dinheiro que ella me roubou ?

O Barão fallando com uma exaltação extraordinaria levantou-se da cadeira e apostrophou Morris:

— Vá até ao fim, senhor. Diga tudo ! Onde quer chegar ?

— Ahi está uma pergunta de difficil resposta, estando nós, como estamos, vendo as cousas por uma fórma diversa.

— Não comprehendo.

— Pois urge que comprehenda, Sr. Barão. Dizem os jornaes que a Sra. Baroneza conhecia todos os segredos de V. Ex., inclusivé o do cofre forte, bem como o do Crédit Lyonnais onde V. Ex. tinha todos os seus valores.

— E' verdade.

— Ora, ha quinze dias, precisamente n'uma tarde em que V. Ex. esteve no circo, a Sra. Baroneza abandonou a casa com todo o dinheiro, valores e joias que V. Ex. possuia e até com as que uma dama fidalga lhe tinha confiado para comprar.

— Sim... E' isso mesmo.

— E depois não a viu mais ?

— Não.

— Pois bem, ha uma razão explicativa para semelhante desaparecimento.

— Qual ?

— A Baroneza foi assassinada.

— A Baroneza... assassinada ? Está louco, não ha que vêr !

— Repito, foi assassinada n'essa tarde...

— E eu repito-lhe que está louco ! Como poderia dar-se esse caso se a fiz seguir, durante dias, passo a passo ?

— E' pena que a pista seguida fosse a de outra mulher....

— Que mulher ?

— A cumplice do assassino.

— E quem foi o assassino ?

— O mesmo que vendo que o secretario de V. Ex.. precisamente por conhecer todas as minucias da vida intima desta casa, desvendou a verdade, o encerrou no seu quarto, obrigando-o ao silencio, amordaçando-o, aterrorisando-o...

Foi o mesmo que surprehendendo talvez a victima a communicar, pelo espelho, com um seu amigo, e matou-o friamente cravando-lhe um estyete no coração.

— Sendo assim... foi o medico ?

— Sim.

— Mas quem é elle ? Quem será esse genio malfeitor, esse ser infernal que apparece e desaparece, que mata na sombra sem que ninguem o suspeito ?

— Pois não adivinha quem será ?

— Não.

— E deseja sabel-o ?

— Se desejo ! Mas fale ! Sabe o senhor onde elle se esconde ? !

— Sei.

— Nesta casa ?

— Sim.

— E eu conheço-o ?

— Perfeitamente...

— Quem é pois ?

— O Sr. Barão !

— Eu ? !...

Ainda não havia talvez dez minutos que Morris se encontrava em frente do Barão e já o duello começava por esta forma.

A accusação era precisa, violenta, implacavel.

Morris voltou á carga:

— Foi o senhor mesmo o assassino. Disfarçado com uma barba postica, e com um par de luctas, vergado como se fosse um velho, foi o Barão quem combinou toda esta terrivel machinação na certeza, alias muito natural, de que as suspeitas não viriam a cahir sobre si. Quiz gastar os milhões com outra mulher e desembaraçou-se da Baroneza, quiz desfazer-se d'uma testemunha fidedigna e incontestavel e assassinou o seu secretario. Tudo se explica deste modo.

O Barão, deixando a attitudo em que se mantivera a principio esperando as palavras do seu interlocutor com uma avidez febril, olhava agora Morris, altivamente e como se estivesse tratando com um louco.

Quando Morris acabou de fallar, recuou dois ou tres passos, fez menção de querer pronunciar algumas palavras que guardou para si e dirigiu-se ao fogão sobre o qual se via uma campainha que fez vibrar.

Morris não se mexeu. Esperava sorrindo.

N'isto appareceu um criado e o Barão disse-lhe com grande calma:

— Pódes ir dormir, Antonio. Eu mesmo acompanharei este senhor. Deixa o vestibulo illuminado.

Antonio retirou-se e entretanto o Barão abria a secretaria em busca d'um revólver que metteu ao bolso, dizendo com serenidade:

— Desculpe-me, senhor, esta pequenina precaução que sou obrigado a tomar para o caso, pouco provavel, de estar conversando com um doido. Mas o senhor não é um doido, não. O senhor veio aqui com um fim que eu ainda não pude adivinhar e fez-me uma accusação terrivel e suspeitosa cujas provas ainda não me mostrou.

A sua voz revelava commoção e os olhos marejaram-se-lhe de lagrimas.

Morris estremeceu. Ter-se-ia enganado ? Seria absolutamente falsa a hypothese que a sua intuição lhe tinha suggerido e que se baseava numa série de factos sem importancia ?

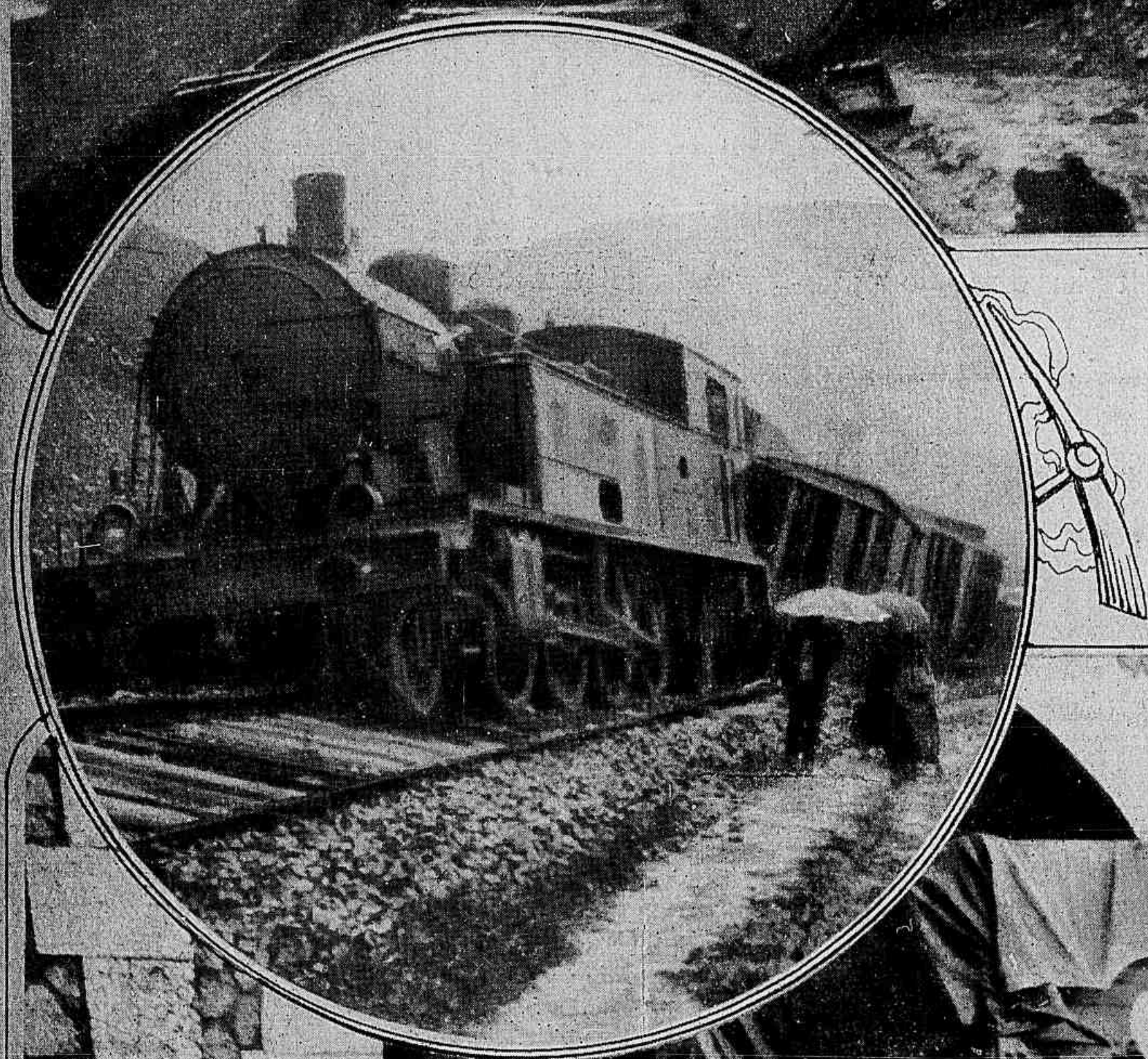
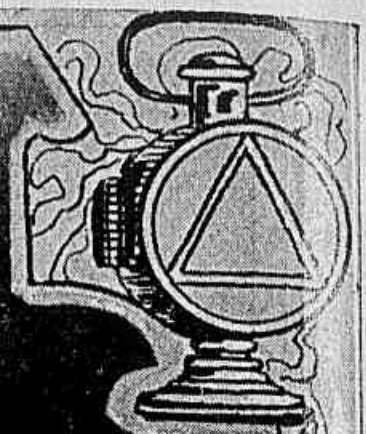
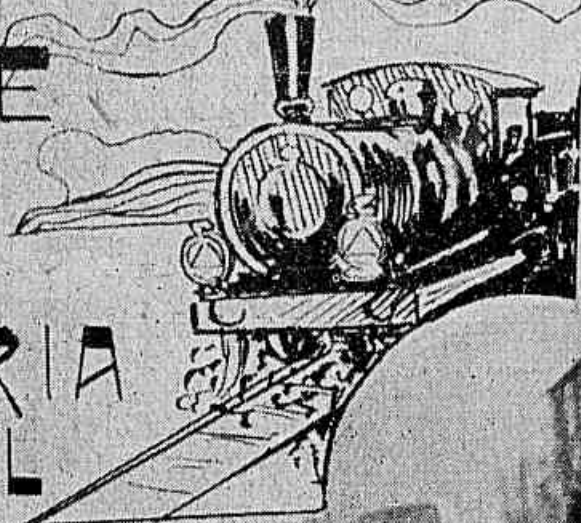
Um detalhe, porém, attrahiu a sua attenção. Pela abertura do collete, Morris acabava de divisar a ponta d'um alfinete que segurava a gravata do Barão. D'um comprimento desusado, essa haste de ouro era triangular e formava uma especie de punhal muito fino, muito delicado mas, sem duvida, terrivel em mãos experientes.

Morris não hesitou nem mais um segundo em acreditar que esse alfinete, ornado d'uma perola, fôra a arma com a qual tinham perfurado o coração da victima e murmurou por entre dentes:

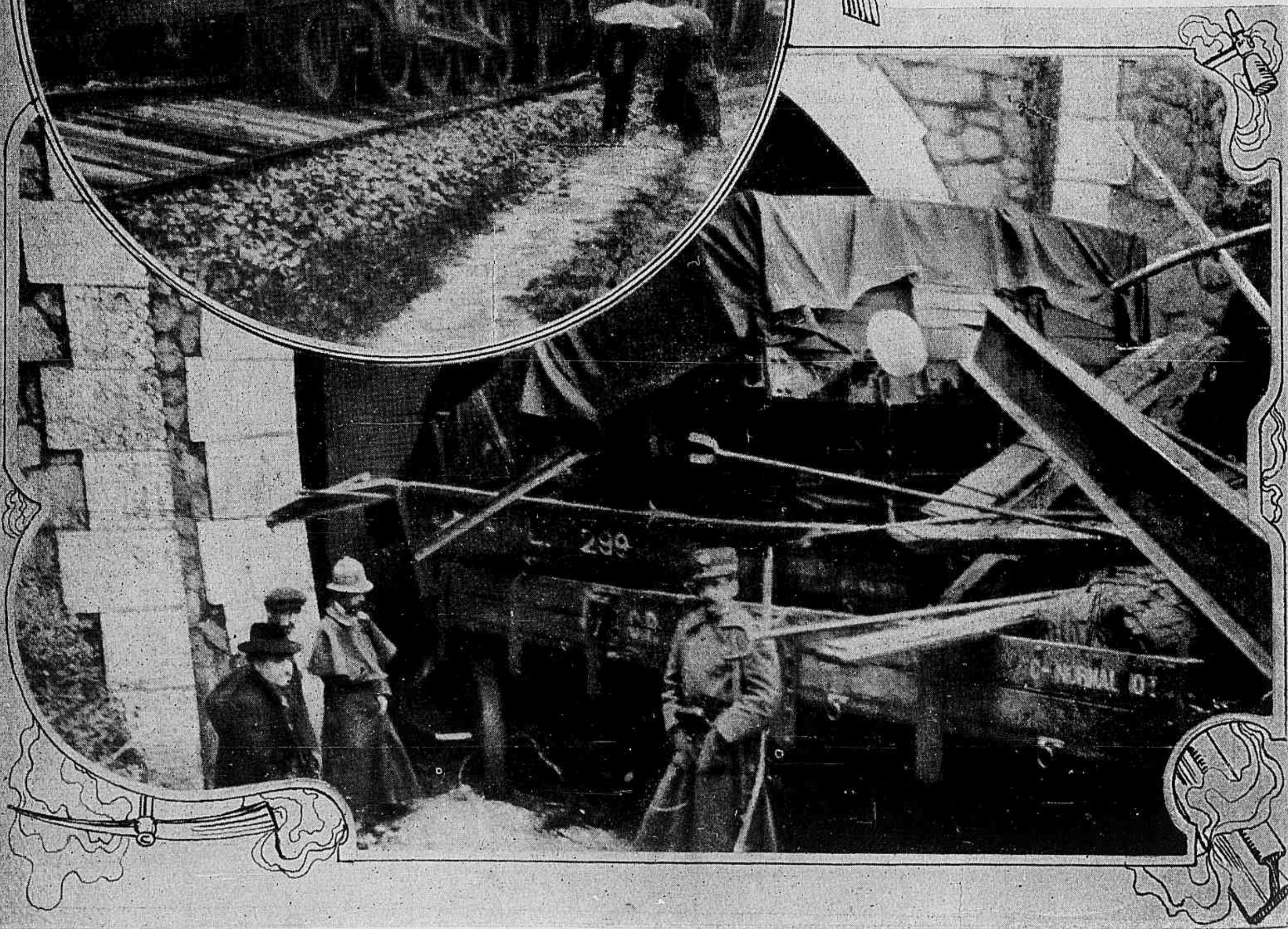
— E'extraordinario, Sr. Barão.

(Continúa).

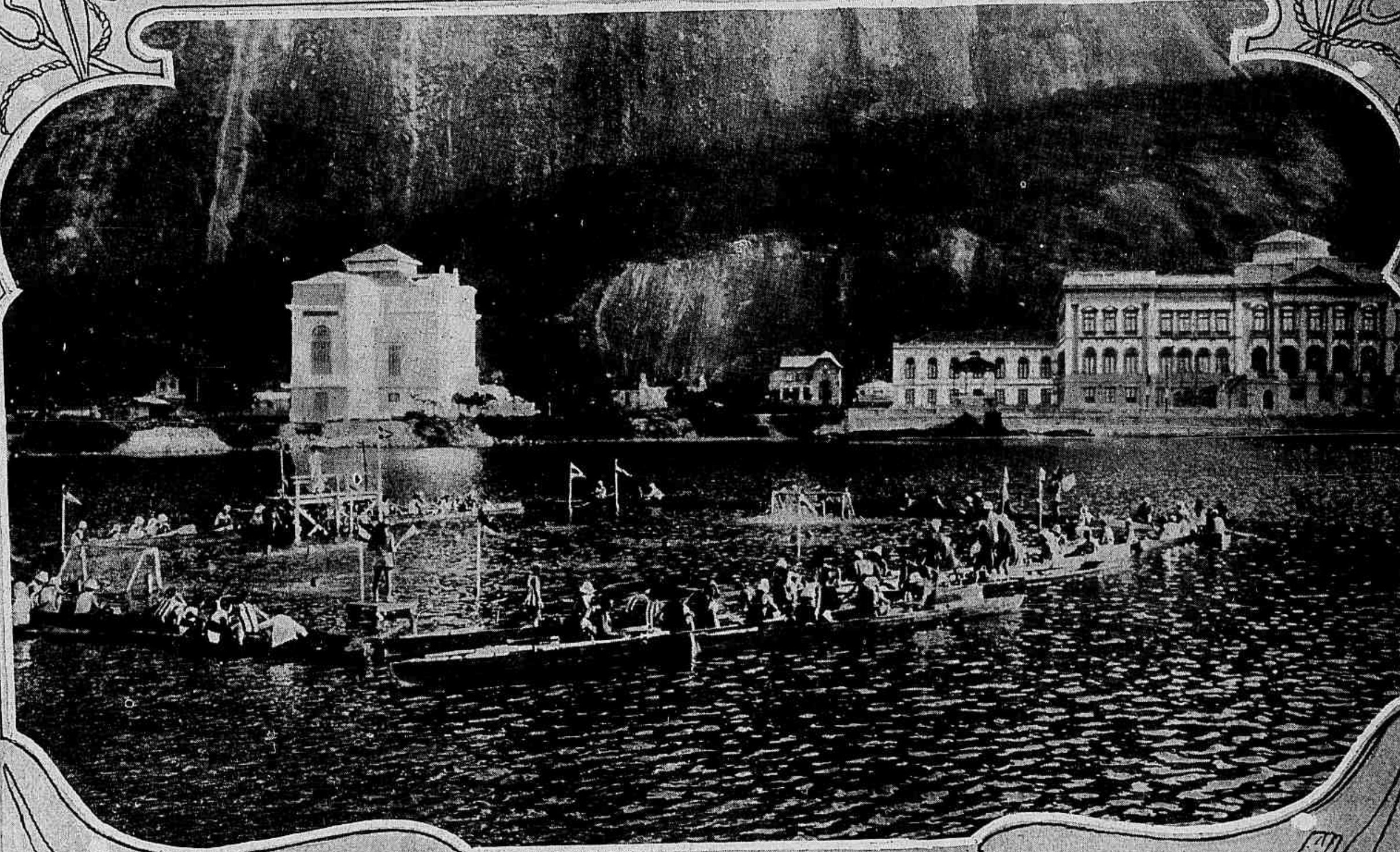
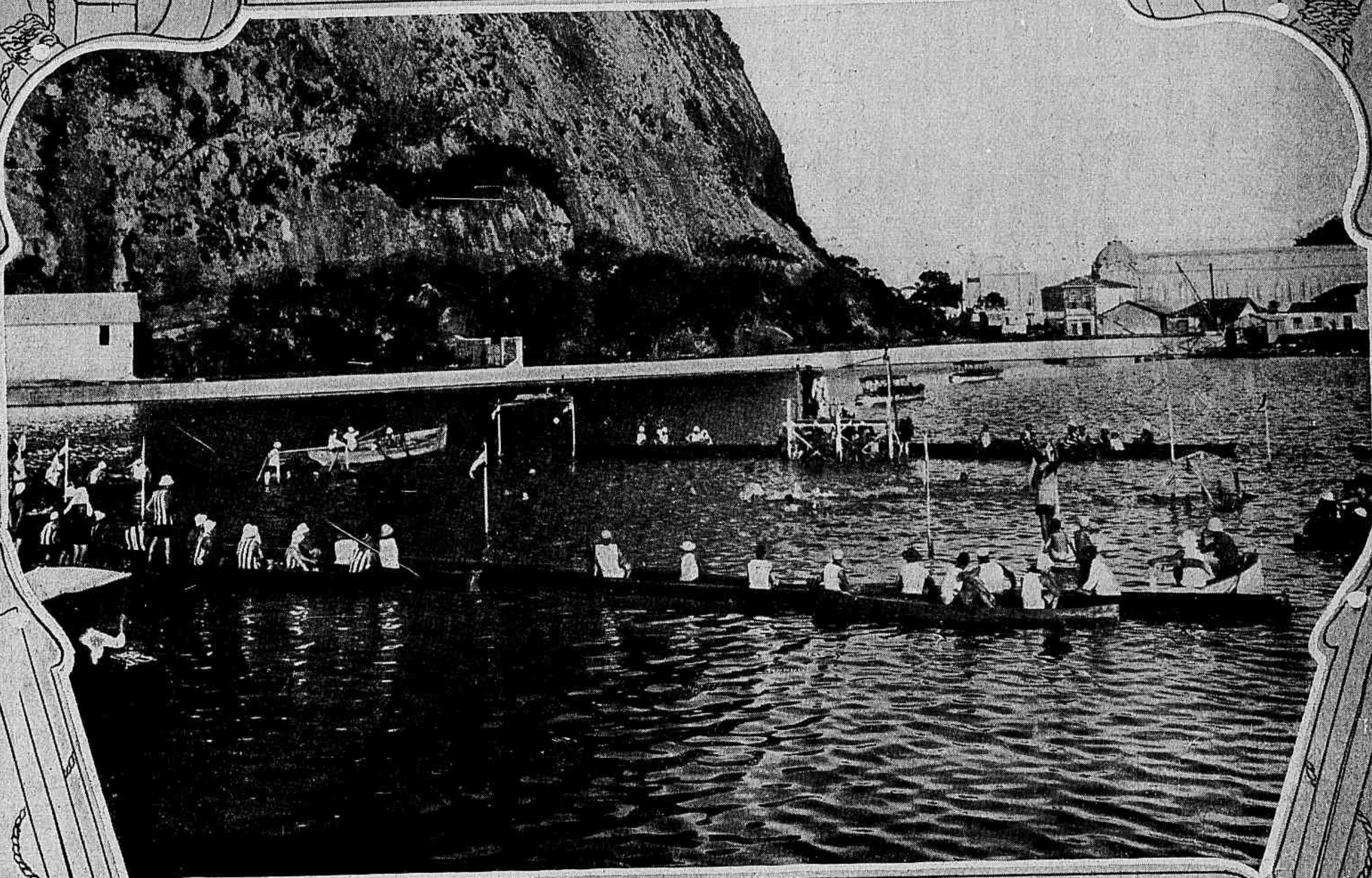
A GREVE FERRO- VIARIA EM PORTUGAL



1—Aspecto de um trecho da linha ferrea da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, proximo á estação da Povoia, por ocasião do segundo e recente movimento grevista. 2 — Um trem descarrillado proximo de Mafra. 3 — O túnel de Xabregas obstruido pelos grevistas.



CAMPEONATO DE WATER-POLO DO RIO DE JANEIRO

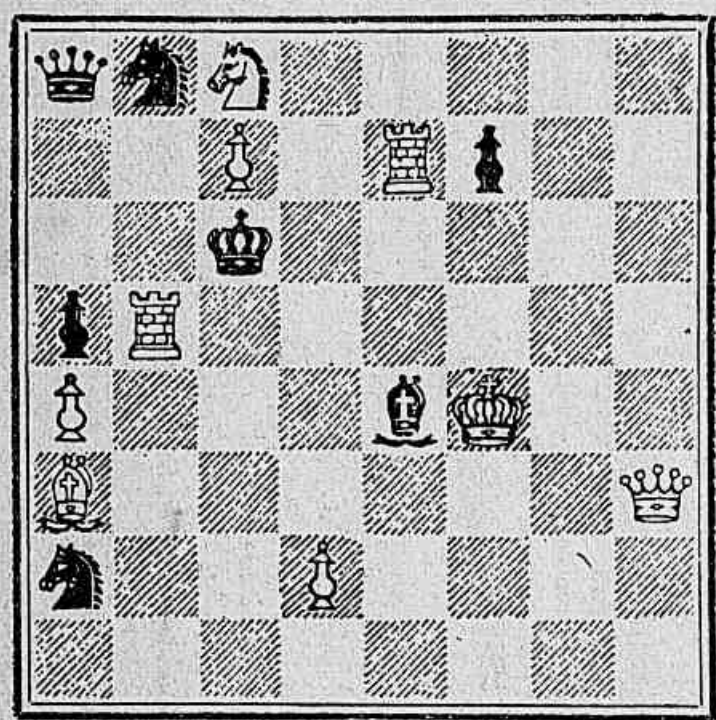


No dia 15 do corrente realisaram-se na pittoresca bacia da Praia Vermelha mais duas provas officiaes do campeonato de Water-Polo, tendo-se encontrado os primeiros "teams" do Bola-jogo contra Guanabara e do Icarahy contra o Internacional.



PROBLEMA N. 1.089 — P. H. Williams

Pretas:—R 3 B D — D 1 T D
C 1 C D — C 7 T D—B 5 R—
P 4 T D — 2 B R (7).

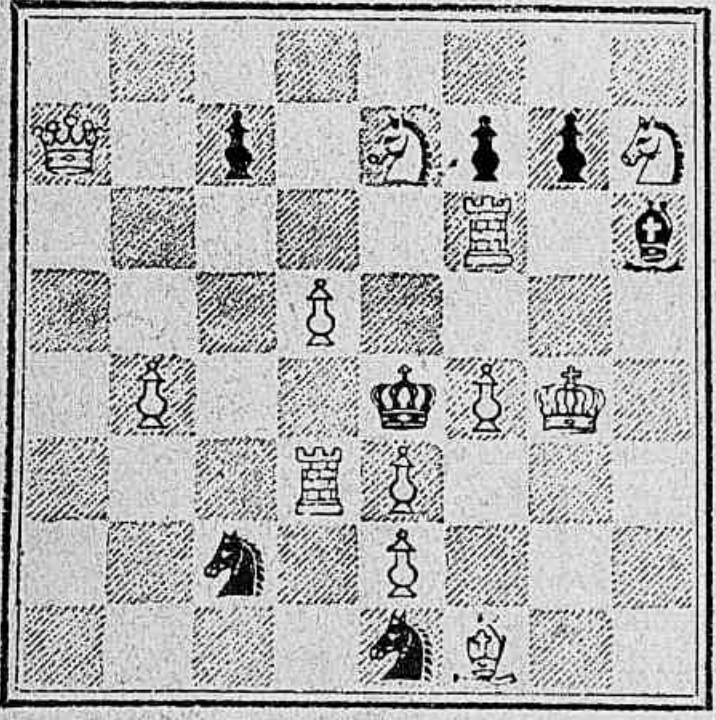


Branças—R 3 T R—R 4 B R
—T 5 C D—T 7 R—C 8 B D—
B 3 T D—P 2 D—7 B D—
4 T D (10).

Mate em dous lances.

PROBLEMA N. 1.030 — J. Winter-Wood

Pretas — R 5 R — C 8 R —
C 7 B D — B 3 T R—P 2 C R
—2 B R — 2 B D (7).



Branças:—R 4 C R—D 7 T D
— T 6 B R—T 3 D—C 7 T R
— C 7 T R—B 1 B R—P 2 R
— 3 R — 4 B R — 5 D —
4 C D (12).

Mate em dous lances.

PARTIDA N. 367 — Abertura viennoise

- | Branças
(Mises) | Pretas
(Yates) |
|--|--------------------------|
| 1—P 4 R | P 4 R |
| 2—C 3 B D | C 3 B R |
| 3—P 3 C R. Melhor seria B 4 B
ou P 4 B R. | |
| 3—..... | P 4 D |
| 4—P×P | C×P |
| 5—B 2 C. Mais usual é C R 2 R | |
| 5—..... | B 3 R |
| 6—C R 2 R | C 3 B D |
| 7—Roque | B 2 R |
| 8—P 3 D | Roque |
| 9—P 4 B | D 2 D |
| 10—P×P | C×P. Se |
| 10 P 5 B, C×C, 11 P×B. | C×C x, ganhando um peão. |
| 11—C 4 B | C×C R |
| 12—B×C | D 5 D x |
| 13—R 1 T | C 5 C |
| 14—D 3 B | P 3 B D |
| 15—T D 1 R | D 2 D |
| 16—C 4 R | T D 1 R |
| 17—P 4 B | P 3 T R |
| 18—P 3 C | B 5 C |
| 19—T 1 D | P 4 B R |
| 20—C 2 B | B 4 B |
| 21—C×C | P×C |
| 22—D 2 R | B 4 B |
| 23—D 2 B D | D 5 D |
| 24—B 1 B | B×P |
| 24—..... | |

- 25—T×T x. Se T×B, T×T x e
D 8 mate; se 25 D×B,
D×D; 26 T×D, T×T x;
27 B×T, T 8 R com uma
partida superior.
- | | |
|--------------|---------|
| 25—..... | B×T |
| 26—D 2 D | B 4 B D |
| 27—B 2 C | D 6 R |
| 28—D×D | T×D |
| 29—B 3 B | P 7 R |
| 30—T 8 D x | R 2 B |
| 31—P 2 D | T 6 D |
| 32—T×T | B×T |
| 33—P 4 C | B 5 D |
| 34—P 5 C | B×P |
| 35—P×P | P×P |
| 36—B×P B | B×P |
| 37—Abandonam | — |

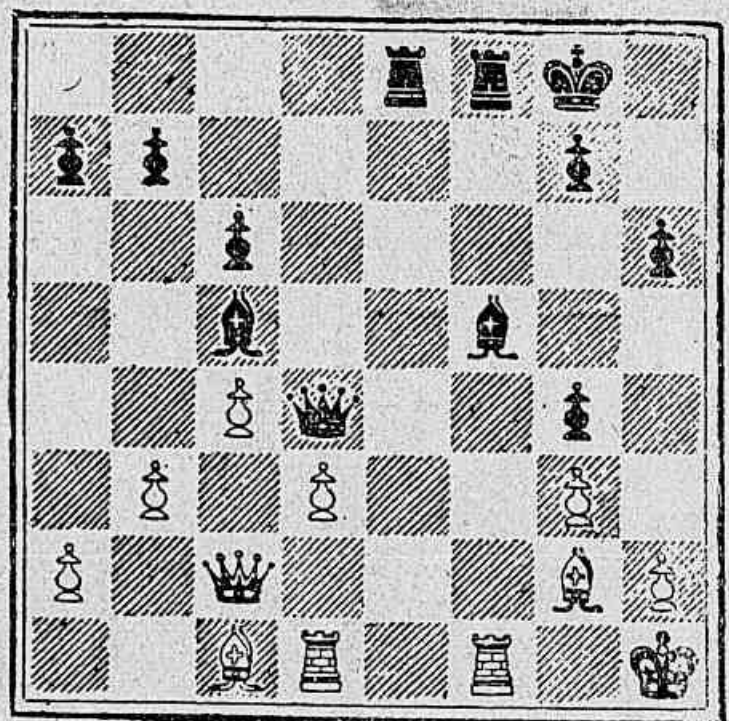
“EN PASSANT”

Nesta nova phase da *Revista da Semana* reaparece tambem a tradicional secção de xadrez que ha quatorze annos acha-se confiada á nossa direcção.

Nesse periodo de tempo, atravessando muitas vezes quadras de desanimo no movimento enxadrista desta capital, esta secção vangloria-se de ter contribuido pelo menos com a sua perseverança, para que este nobilissimo genero de *sport* se divulgue cada vez mais, facto que auspiciosa mente já se constata, não só pela creação de varios nucleos enxadristas em diversos pontos da cidade, como pela adhesão franca que tem recebido a recente idéa do nosso collega d’*O Imparcial*, da fundação de um club de xadrez no Rio de Janeiro como já houve em épocas passadas. Para a realização dessa idéa asseguramos a nossa coadjuvação.

Dos prestimosos amadores que sempre acompanharam a secção de xadrez da *Revista da Semana* aguardamos a correspondencia.

PRETAS (MIESES)



BRANCAS (VATES)

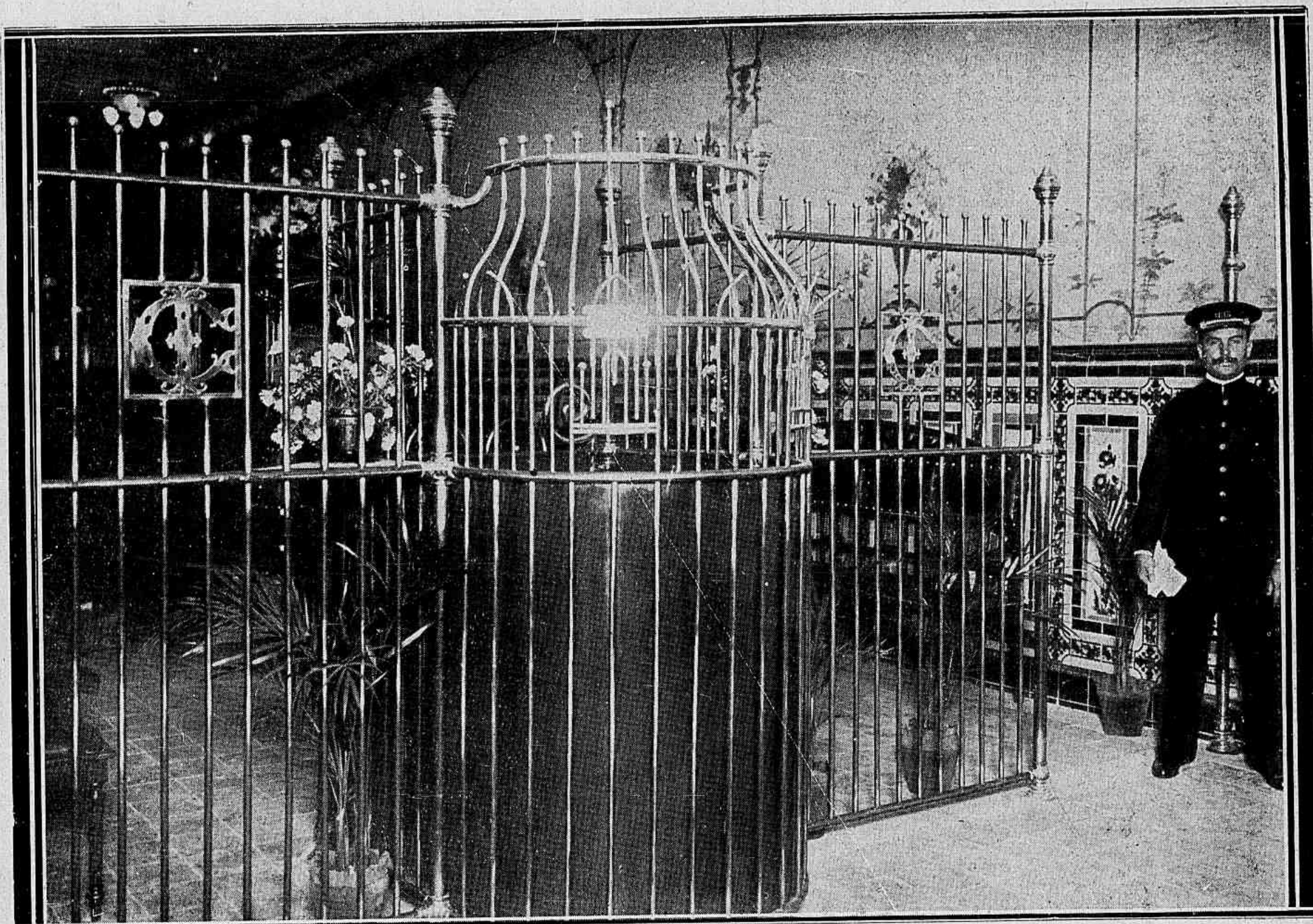
O campeão do ultimo concurso internacional de xadrez, o cubano Suarez que a Republica de Cuba acaba de nomear secretario da legação em S. Petersburgo para poder entrar no proximo concurso internacional que vai realizar-se nessa capital.



HEIBAS.

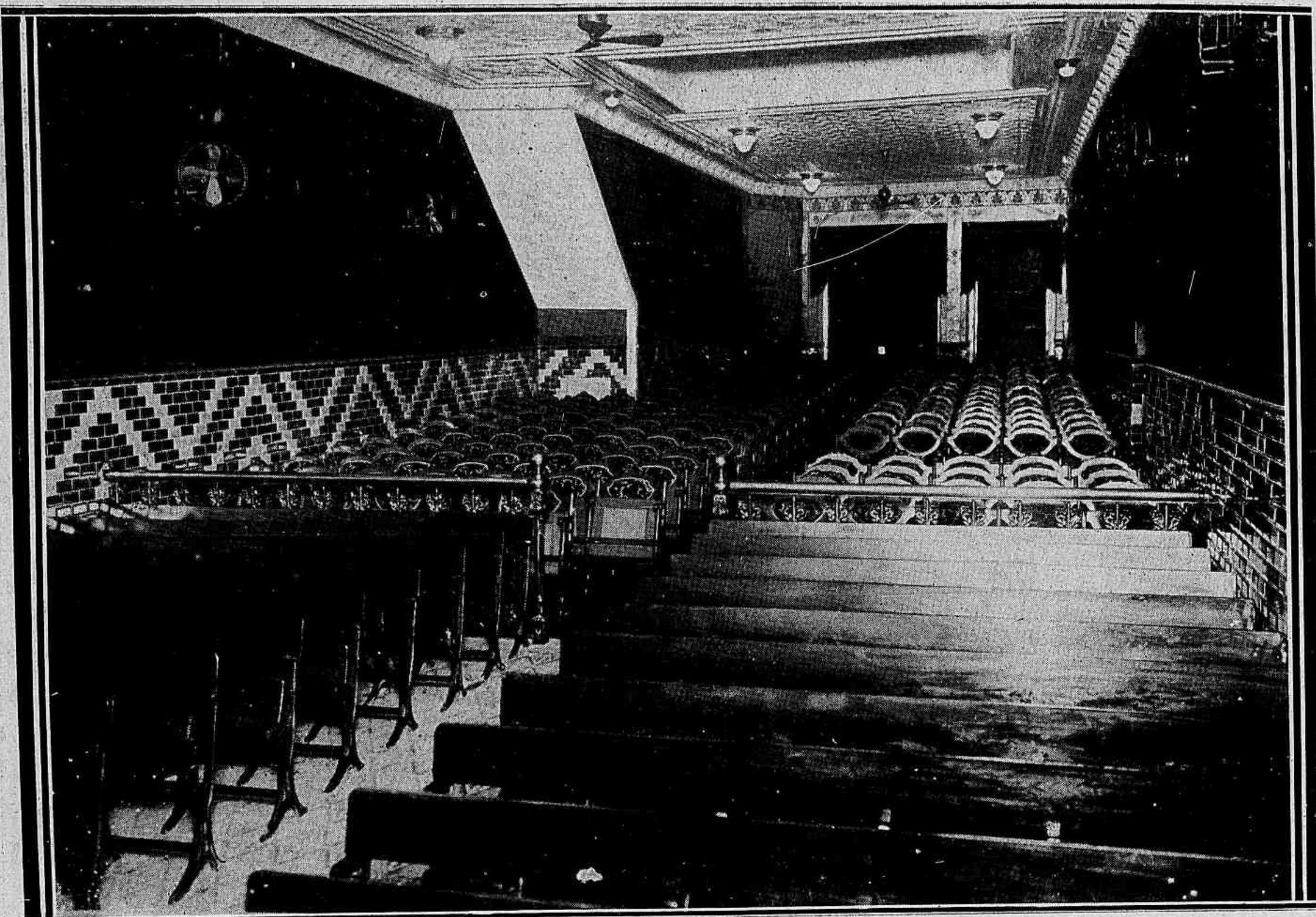
O CINEMA IRIS

RUA DA CARIOCA



Depois de obras consideráveis que transformaram o CINEMA IRIS, apresentando-o como um dos melhores da Capital, realizou-se no último sabbado, 21 do corrente, a festa de reabertura. As nossas gravuras representam: I a entrada. II Um aspecto do salão de espera.

AINDA O CINEMA IRIS

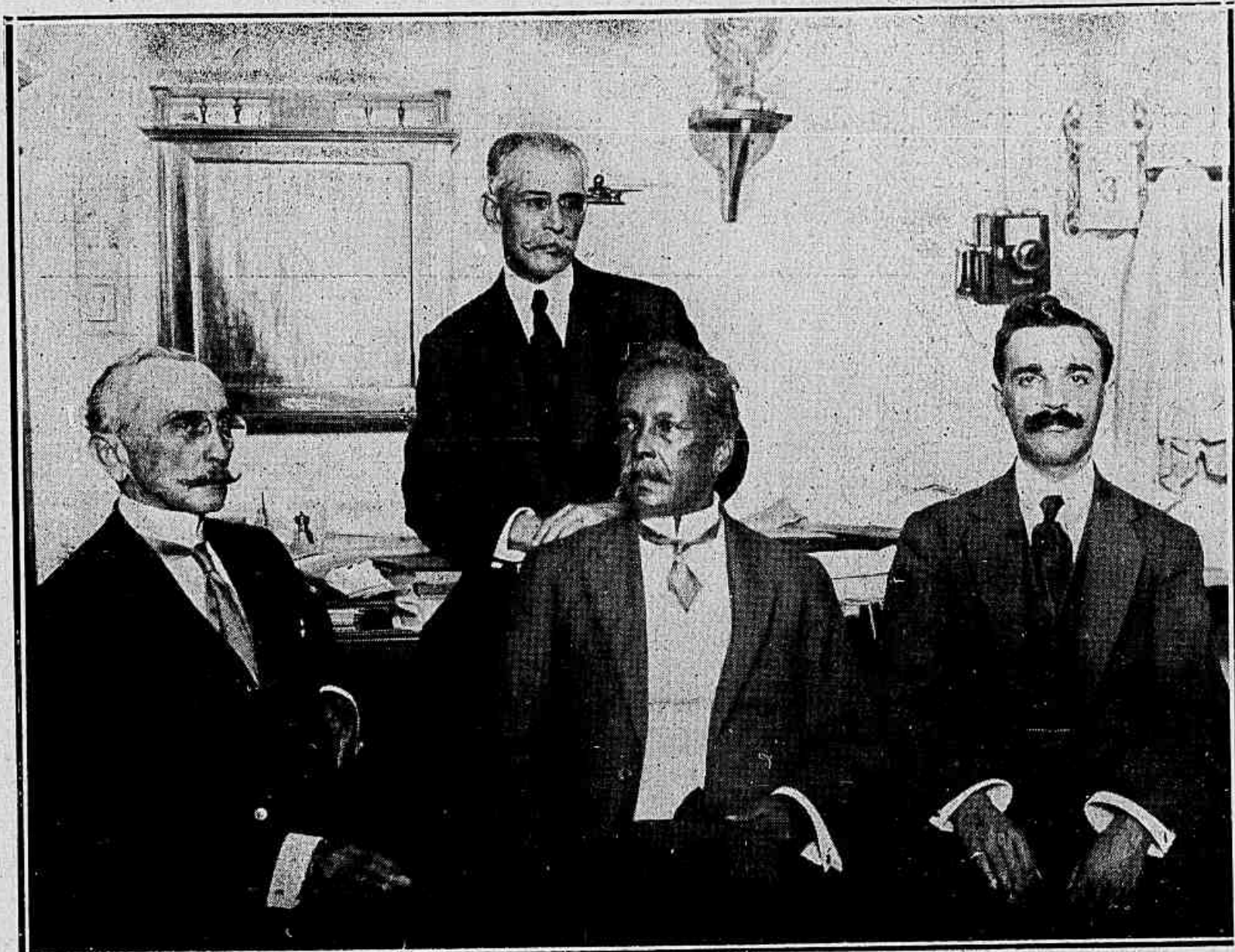


I — Um aspecto da linda sala das sessões. II — Na festa de inauguração. Um grupo de convidados vendo-se o proprietário do Cinema Sr. Cruz Junior

Uma instituição benemerita

A PREVIDENTE DOTAL BRASILEIRA

SOCIEDADE DE AUXÍLIOS MUTUOS



A Directoria: — Em pé: Dr. Manoel Ignacio de Carvalho Mendonça, presidente. Sentados: Dr. Luiz Salazar da Veiga Peron, secretario; Major Custodio Justino Chagas, director gerente e Dr. J. P. Salgado, advogado da Sociedade.

blicada no «Jornal do Brasil», passamos a transcrever os trechos em que se definem os fins da Sociedade, e cuja leitura intere será os nossos leitores.

Falla o illustre director gerente ;

— “Antes, devo dizer-lhe que a Previdente Dotal Brasileira é uma sociedade de auxilios mutuos fundada em 26 de Abril do anno passado, na forma da lei n. 173, de 10 de Setembro de 1893, tem os seus estatutos approvados pelo decreto n. 10.482, de 15 de Outubro do mesmo anno, quando foi autorizada a funcionar no territorio da Republica.

— Em primeiro lugar: — quaes são os fins da sociedade ?

— Garantir aos seus associados, quando se casarem, um peculio de 30, 20, 10, 5 ou 3 contos de réis.

— O que se torna necessario para ser admittido socio ?

— Requerer o pretendente por escripto sua admissão, fazendo declaração de idade, filiação, residencia e a série em que se deseja inscrever, concorrendo com as quotas relativas á sua série.

— Quantas são essas séries, Sr. Major Chagas ?

— Cinco, com grupos de dous mil associados cada uma, formando-se tantas quantas forem necessarias.

— E de que forma ?

— Eu explico-lhe, disse o Sr. Major Chagas. Fallámos da 1ª série. Os socios nella inscriptos têm direito ao peculio dotal de TRINTA CONTOS, que lhes será pago mediante a apresentação da respectiva certidão de casamento, concorrendo cada um no acto da inscrição com a quantia de 120\$000 sendo — joia, 100\$000 e primeira contribuição, 20\$000. Com essa pequena contribuição concorrerá o associado toda a vez que um do seu grupo se casar.

O mutualismo tem-se desenvolvido nos ultimos annos, no Brasil, de modo a attingir proporções consideraveis.

As vantagens do mutualismo foram admiravel e rapidamente comprehendidas entre nós e isso explica o desenvolvimento e a prosperidade das multiplas e poderosas sociedades mutuas de previdencia que hoje operam no territorio da Republica. Entre essas sociedades destaca-se, pela sua importancia, e pelas suas engenhosas operações, que respondem a algumas das mais graves aspirações economicas do individuo e da familia, a *Previdente Dotal Brasileira*.

De uma interessantissima entrevista com o Sr. Major Chagas, Director-Gerente, pu-

— De sorte que um individuo economico, restringindo as suas despesas, cortando o superfluo, pôde, após o seu casamento, receber essa importante quantia...

— Perfeitamente.

— E para quem tem juizo pôde ser um começo de fortuna !

— Nem mais, nem menos.

— E na 2ª série ?

— Nessa, os socios têm direito ao peculio dotal de 20:000\$000, concorrendo cada um no acto da inscrição, com a quantia de 95\$000, sendo de joia 80\$000 e da primeira contribuição, 15\$000. Toda a vez que se casar um socio do seu grupo, concorrerão com 15\$000.

— Não resta duvida: é um bello auxilio de vida, fomos obrigados a dizer ante essa extraordinaria vantagem. E a 3ª série ?

— Os socios têm direito ao peculio de DEZ CONTOS DE RÉIS, concorrendo cada um, no acto da inscrição, com a quantia de 58\$000, sendo: — joia, 50\$000 e primeira contribuição, 8\$000, que é a quota com que entrarão toda a vez que um associado se casar.

— Na 4ª série...

— O peculio é de CINCO CONTOS DE RÉIS, concorrendo cada um, no acto da inscrição, com a quantia de 29\$000, sendo joia 25\$000 e primeira contribuição, 4\$000 são obrigados a concorrer com esses 4\$000, são obrigados a concorrer com esses 4\$000 toda a vez que um associado do grupo se case.

— Finalmente, a 5ª série... dá direito ao peculio

dotal de 3:000\$000. No acto da inscripção, cada socio concorre com 27\$000, sendo joia, 25\$000 e primeira contribuição 2\$000. Concorrerão com a quota de 2\$000 toda a vez que um associado do grupo se case.

E o Sr. Major Chagas, adivinhando a impressão magnifica que essas vantagens nos produziu ao espirito, disse com justificavel satisfação:

— Diante disso, as pessoas pobres e mesmo as que se julgam remediadas não têm assim melhoradas intelligentemente as suas condições de vida? Haverá alguma familia, por mais pobre que seja, que deixe de cotisar-se para inscrever em uma das séries uma pessoa que esteja para mudar de estado civil, proporcionando-lhe, sem sacrificio, um peculio que lhe ha de ser certo muitissimo util?

— Tem razão, dissemos-lhe nós; tem toda a razão. Não podem ser mais nobres e ao mesmo tempo mais praticos os fins d'A Previdente Dotal Brasileira.

Estados os nossos banqueiros pagarão approximadamente a importancia de 300:000\$000.

Era assombroso!

Perguntámos-lhe ainda, deslumbrados por esse incrível movimento:

— Ha outras sociedades nesse genero no paiz

— Não. No Brasil é a unica. Posso dizer, que pelo seu plano original e magnifico, conseguiu bater o "record" do mutualismo, não só no Brasil, como na Europa e na America.

— Tem havido muitas inscripções?

— Muitissimas. O 1º grupo da 4ª série já está completo, achando-se já em formação o segundo.

— Quantos socios já tem a Previdente Dotal Brasileira, Sr. Major Chagas?

— Socios inscriptos em todas as séries, 7.342.

Esse numero era realmente de uma eloquencia dominadora. Não havia duvida de que a Directoria da benemerita sociedade, por uma propaganda moderna, intelligente, activa, havia levado a grande nu-



Um aspecto dos escriptorios da "Previdente Dotal Brasileira"

— E a Previdente Dotal Brasileira já tem realizado pagamentos?

— Sim. Muitissimos.

— Póde precisar a cifra, Sr. Major?

— Realizados até 12 do corrente mez attingiram a importancia de mil, cento e doze contos, cento e vinte e quatro mil e trezentos réis.

Não pudemos occultar a nossa agradabilissima surpresa. Dentro de um periodo, realmente curto, a novel sociedade de auxilios mutuos havia distribuido extraordinaria messe de beneficios, concorrendo para que tantos socios vissem transformado em realidade o seu grandioso sonho de construcção de seu lar.

O Sr. Major Chagas, porém, não deu muito tempo de gozo da deliciosa impressão que as suas declarações nos deixaram no espirito e disse-nos com justificavel satisfação, de quem sente coroado de exito um colossal empreendimento de grande alcance social:

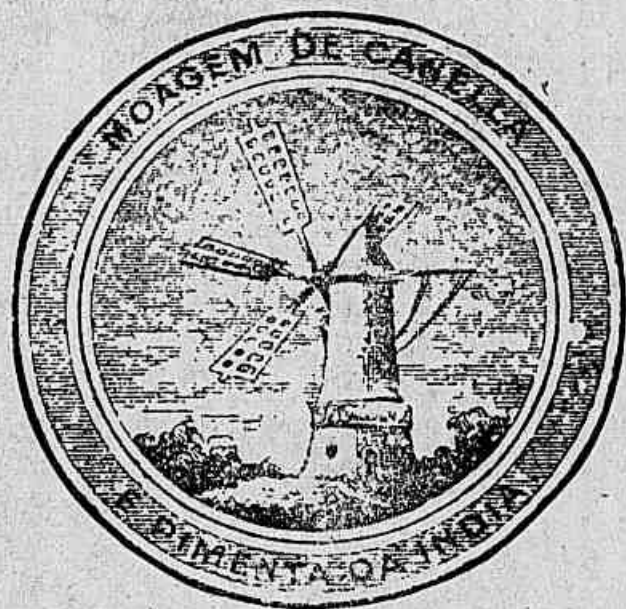
— Não se admire disso: os nossos pagamentos, até 31 do mez fluente, attingirão a 664:950\$000. Nos

mero de lares pobres a noticia magnifica de que no momento novos horizontes se lhes abriam, pelos innumerados recursos que A Previdente Dotal Brasileira lhes offerecia, mediante pequena contribuição que bem póde ser feita com os recursos de uma bem pensada economia.

— E a sociedade tem agentes nos Estados?

— Tem e de toda a confiança e popularidade.

As propostas chegam-nos de toda a parte e em grande numero. Nem poderia ser de outro modo. O operario, o pequeno lavrador, o modesto funcionario publico, o empregado no commercio, o trabalhador, o artista, a costureira, a empregada no serviço domestico, a caixeira, a joven que vive no seu lar lavando, cosendo, engommando, fazendo flores, cosendo para lojas, pospondando calçados, explorando a industria de doces, etc., sabendo que com uma contribuição tão insignificante — têm realizado um peculio para o casamento procuram inscrever-se o mais depressa possivel, mesmo para obterem a vantagem da collocação de seus nomes na formação dos grupos que se organizam rapidamente.



AO MOINHO DE OURO

Fabrica de café moido
Chocolate e Bonbons

2, Luiz de Camões, 2



HEMO-KOLA GRANADO

HEMOGLOBINA E KOLA
FORMULA DO D^r FARIA LOBATO
POÇOS DE CALDAS

TONICO DOS SYPHILITICOS,
TUBERCULOSOS E
NEURASTHENICOS



A PREÇO FIXO
DROGAS
E PRODUCTOS
PHARMACEUTICOS
GRANADO & C^a

RUA 1ª DE MARÇO 14 16 18
FILIAL
RUA V^{ta} do RIO BRANCO. 31
LABORATORIO A VAPOR
RUA DO SENADO. 48

RIO

ARMAZENS GASPAR

Antiga Perfumaria Gaspar

Perfumarias estrangeiras

Roupas brancas para homens
e senhoras. Artigos para
presentes e theatros

Telephone
1.112

Endereo Telegraphico

MEDEIROS

PRAÇA TIRADENTES 18 e 20

Esquina da Rua
Sete de Setembro
237 e 239



GASPAR MEDEIROS & COMP.